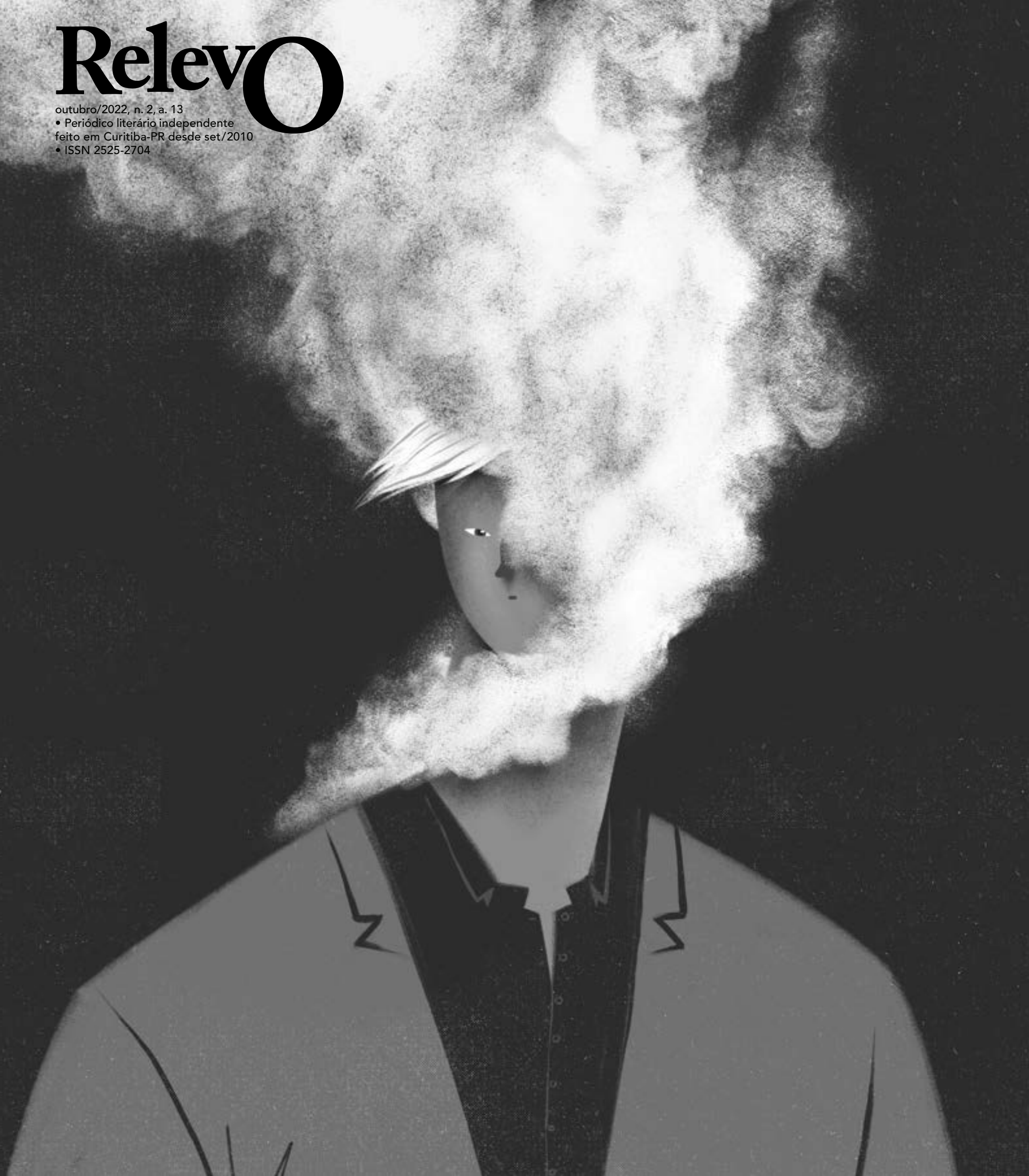


Relevo

outubro/2022, n. 2, a. 13

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set/2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama **Enclave** e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de Caio Beltrão (caibeltrao.me).

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 10 Gê Viana; R\$ 60 Jeferson Nunes; R\$ 65 Camila de Araujo Cabral; Salles G.; João Victor Rodrigues Santos; R\$ 70 Claudia Tajés; Helise Cristina Souto Fonseca; Maria Clara Aquino; Morgana Rech; Telma Franco Diniz; Francisco Mecking; Rafael Souza Rodrigues; André Andrade; Yara Fernandes Souza; Rômulo Cardoso; Kleber Bordinhão; Gustavo B. Oliveira; Pedro Luiz Trevisan de Souza; Juarez Cognato; Úrsula Antunes; Vinicius Maurer; Rodrigo Sliva Marins; Erick Lopes de Almeida; Jerusa Furbino; Fernando Rodrigues; Renata Marinho; Caio Beltrão; Gilberto Bazarelo; Saul Cabral Gomes Júnior; Henrique Fendrich; Rodrigo Madeira; Gabriel Stroka Ceballos; Paulo Sérgio Ramos da Costa; Sharon Caleffi; Diego Lautert Calhamaço Clube de Livros; Tamiris Tinti Volcean; Henrique Santos; Sabrina Dalbello; Alexandre Brandão; Larissa Olsen; Jessica Ziegler; Pedro Guerra; Ranieri Carli; Giovanni Miguez da Silva; Rodolfo Mondoni; Andréia Gavita; Mariana Ferrari; Lucas Costa Anjos; Maria Clara Viana; Zeh Gustavo; Eduardo Pereira; R\$ 80 André Osna; R\$ 100 André Valente; Lorena Cunha; R\$ 105 Pedro Tavares; Cesar Augusto de Carvalho; Rubervam Du Nascimento; R\$ 135 Harryson Jonas da Silva de Almeida; R\$ 140 Whisner Fraga; Maurício Popija; Sissa Stecanella; R\$ 210 Rhodrigo Deda.

TOTAL: R\$ 5.165

ANUNCIANTES:

R\$ 30 O Alienígena; R\$ 100 André Giusti R\$ 110 Gato Preto Livros; R\$ 500 Editora Penalux; R\$ 1.000 Senge-PR.

TOTAL: R\$ 1.740

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.720
Escritório: R\$ 320
Embalador: R\$ 100
Autores e ilustradores: R\$ 410
Editor-executivo: R\$ 1200
Editor-assistente: R\$ 350
Mídias sociais: R\$ 350
Diagramação: R\$ 150
Infografia: R\$ 60

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400
Correios: R\$ 1.805

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: **R\$ 6.905**

(-) Saídas totais: **R\$ 6.960**

(=) Resultado operacional: **-R\$ 55**

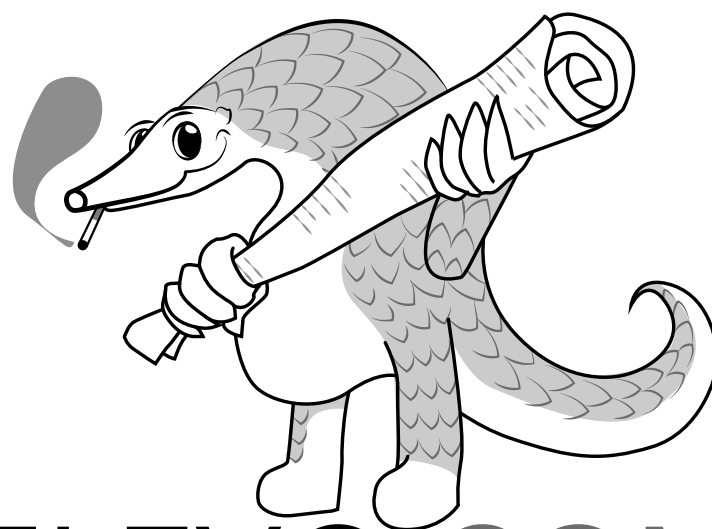
Outubro/2022

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Nuno Rau
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 3.000

Edição finalizada em 29 de setembro de 2022.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Morgana Rech
Felipe Harmata
Osny Tavares
Whisner Fraga



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

SOM E FÚRIA

Rozana Gastaldi Cominal Muitas leituras pendentes do **RelevO**. Junho. Julho. Agosto. Nossa, haja humor para combater a fúria de leitores e escritores recusados. Somos carentes por espaços para publicação, muitos escritores incompreendidos, enfezadinhos, testemunhos de um tempo que se esvai. A seção de cartas tornou-se um espaço privilegiado. Que ousadia continuar, então avante, heróis da resistência! Claro que aponto os acertos, as ilustrações fantásticas das capas, os editoriais sarcásticos diante da própria situação e, recentemente, o trabalho hercúleo do Nuno Rau como ombudsman. Vez ou outra a **Enclave** me pega de jeito. Ah, como amei o hipertexto “Arte sem artista”, imaginação praticada. Que interação, que viagem fantástica! Provações que deixam nossos neurônios a mill! Espero continuar sendo surpreendida, que chegue logo a edição mensal de setembro. Forte abraço e até!

André Valente Vejo três hipóteses para as dificuldades do Jornal. 1) A vida ficou bem corrida na volta da pandemia — não tenho conseguido ler tanto as últimas edições! 2) O mecanismo de dar a assinatura de presente é ótimo, mas vejo que vocês não estão fazendo um bom controle e interface com os domicílios/pessoas que recebem este presente... Todas ficam gratas pelo presente, mas (talvez por falta de bom contato com vocês) não entendem que poderiam/deveriam continuar a corrente do bem e passando à frente do presente... Sei que não é simples encontrar este ângulo correto para pedir — vejo que não deveriam deixar de fazer. 3) Aumentar a facilidade/acesso ao assinar — concordo em manter o jornal 100% off-line, mas teria um mecanismo rápido via on-line de assinar... e com vocês pensando em como impulsionar conteúdo/comunicação nas redes sociais. Abraços e boa sorte. O **RelevO** não vai acabar.

Zeh Gustavo Salve, Jornal, tudo em riba, queridos? Como Exu não é bobo, ventou esta sequência de fatos: cheguei na portaria, quando de volta à casa no pé do Morrinho, peguei o envelope do **RelevO**, não o abri de imediato, pois vinha a correr para gravar um vídeo (tar de stories que virou obrigação sacalzinha gravar todora!); antes, abri o imeio e vi a mensagem; corri então para abrir o envelope, folhear o jornal, que tá lindim pra avariar, daí danei ávido a procurar e achar contente que nem quem aperta 13 com gosto para extraviar genocida das vistas, o conto antimédicos (ou a favor dos que aceitam o real sem querer pô-lo numa caixinha de caixola de paciente). Claro, não recomendo dar cabo de ninguém — muito menos de quem volta e meia precisamos. Mas é isto, viva Exu! Ah, e gostei da paga 3,

pois com isso posso distribuir o distinto papalódico e angariar mais almas para a missão, na base do “Você já ouviu a palavra de **RelevO**?”. Tentarei. Dou notícias. Pra nós dinossauros do mundo pré-queerrecoude, e ademais escrevíveis, é algo indescritível a sensação de ter um conto publicado num jornal que ainda circula em papel — há 12 anos, no caso de contramão total que é o Jornal. É tomar parte em mais essa via de resistência à corrente, pedra que faz presença a desviar de alguma forma o rio. O conto “O pessoal com quem eu trabalho me recomendou um médico mas ele veio a falecer” compõe a edição de setembro/2022 do Jornal e também o livro *Eu algum na multidão de motocicletas verdes agonizantes*, que saiu em 2018 pela @editoravies. E o **RelevO** pode ser assinado — o jornal é mensal e sobrevive dessa forma, mais alguns anúncios que tenham a ver com o meio — por 70 pratas (anuais!). Vale a leitura. Vale o apoio. Abraços, ótimo final de semana!

CENTRAIS DE AGOSTO

Yasmin Wachholz Como assim vocês não agrediram nenhum idoso na FLIP? Não dá pra confiar mais em ninguém mesmo.

Cristiane Ventre Olá, tudo bem? Realmente, as pessoas estão bem mais comedidas em seus gastos. Tenho percebido isso também. Quando envio propagandas das pinturas que faço, as pessoas elogiam bastante, mas, ultimamente, as vendas diminuíram consideravelmente. O amor à arte é o que mantém nossa vontade de continuar a fazer o que gostamos. O trabalho do **RelevO** é de qualidade e, por conta disso, tem conseguido se manter por tantos anos, mesmo diante das dificuldades. Atenciosamente.

Rodrigo Madeira Obrigado ao Jornal pelos anos de guerrilha, de incansável dedicação à literatura.

Silas Correa Leite Olá, amigos. Recebi indagorinha o belo e cult **RelevO**, parabéns. Abraços e longa vida.

Renata Dalmora Bom dia. Recebi os exemplares do Jornal há um tempo, mas, pela correria, leia-se: bagunça, desânimo e ansiedades dos dias, não tinha parado pra ler. Hoje parei aqui pra ler e me surpreendi com a sensação de ter, de novo, um jornal impresso em mãos e ainda mais com poesia e literatura. A sensação de voltar a um outro tempo, o tempo necessário para a leitura e para a escrita. Tempo que, infelizmente, não é ensinado nem estimulado na maioria das escolas e lares brasileiros. (Nem frequente a mim mesma, que busco escrever). Mas, enfim, muito obrigada pelos exemplares! Estão lindos! Espero que sigam firmes e espero poder ter meus poemas publicados com vocês um dia. Vou separar alguns escritos que talvez se enquadrem na proposta do Jornal. Abraços!

[Enclave #110]

Antonio Souza Mais uma concepção do que pode vir por aí com o Metaverso. Imagine isto.

Kátia Nascimento Boa tarde. Gostaria de agradecer profundamente pelo Jornal, que já chegou em minha casa. Muito grata.

UMA CONVERSA

Jornal RelevO Olá, L*il*, tudo bem? Obrigado pelo seu envio [de material para publicação]. O seu material não será utilizado pelo nosso Conselho Editorial. Isso não significa, de modo algum, que o trabalho não tem potencial literário: apenas não se encaixa na linha editorial das próximas edições. Fique à vontade para submeter outros materiais quando quiser. Ah, gostaríamos de enviar uma edição de cortesia do nosso periódico pra ti. Assim, você nos conhece melhor e, quem sabe, considere seguir nos acompanhando. Topa receber? Se sim, basta enviar um endereço com CEP por aqui mesmo. Você também pode nos acompanhar de perto nas redes sociais. Estamos no Instagram e no Facebook. Obrigado, Daniel Zanella

L*il* Z*n*v Não é trabalho, é poesia das boas e, por isso, não se encaixa num jornal habituado a publicar textos clichês. Ele já foi publicado em três revistas, está na coletânea *1001 poetas*, além de outros sites literários e modernos, não patrocinados. La**a é um pseudônimo de T*r*z* D*z*i. Precisei esclarecer isso muitas vezes para os sinceros e intelectuais de bengala do Facebook. [Abaixo, arte enviada por email pela escritora recusada, conhecida — a arte, não a autora — como “Toulouse-Lautrec defecando na praia em 1898”.]



Jornal RelevO: 13 anos se transformando em lixo exatamente a partir da recusa de publicação.

Inês Reis Um tempo atrás enviei alguns dos meus textos para o Jornal para obter feedback. O editor foi muito gentil e ainda me enviou uma edição impressa, *all the way from* Brasil até Portugal! O conteúdo do jornal é incrível. Obrigada!

Luiz Henrique Prezada equipe. Faz tempo que estou querendo escrever a vocês, carta do leitor mesmo. Primeiro para parabenizar pelo Jornal, pelo Nuno Rau, pelo humor, pela **Enclave**, pelo **Brazilliance** e pela rabugice aparente. (Não vou me alongar pois

escrevo em pé, num trem de metrô cheio). Como acho que um jornal como o **RelevO** é absolutamente necessário (e original), quero ajudar com algum caraminguá, independentemente de qualquer coisa. Aliás, nem quero que meu nome apareça lá no setor de colaborador financeiro/assinante/anunciante/pau-para-toda-obra. Até porque, pelo que vocês me disseram, por email, vão publicar um conto meu nalguma edição ainda neste século, pelo que entendi... (a não ser que tenham mudado de ideia e aí, agora, veio à mente um palavrão pra ofender a mãe mesmo). Então ia pegar mal sair a minha contribuição bem na edição que publicaram meu conto, afinal, eu e vocês temos nomes a zelar. Só não vou transferir a bufunfa agora para não correr o risco de algum amigo do alheio estar de olho no meu celular e dar um jeito de raspar da minha conta o resto da mesada que minha avó me mandou. Um abraço!

Gê Viana Olá, Jornal! Acabo de receber mais um exemplar e, para minha surpresa, li meu nome na coluna de assinantes. Que honra! Tenho que comentar que a descrição de todos os custos é algo extraordinário! Nunca vi tanta transparência. Estou apaixonado pelo trabalho de vocês e admirando a qualidade humana aplicada neste material. Quanto a seguir recebendo **Relevo**, adoraria, mas estou na mesma situação financeira. A gratidão é recíproca. Saber que existem pessoas que vibram na mesma frequência, dá um certo conforto, principalmente em tempos de tanta violência e descaso com a arte e com a cultura. Sigo apaixonado. Grande abraço.

PROPOSTAS

Teresa Silva Do **RelevO** de junho, gostei do conto “Freud”. Me lembrou as boas crônicas dos jornais de domingo que eu lia quando criança: leves e espirituosas. Gostei também da apresentação que o Piotr Kilanowski fez de Adam Zaganewski, Vasyly Stus e Serhyi Zhadan. A editora 34 poderia editar as traduções que o Kilanowski possa vir a fazer das obras desses autores.

QUASE ASSINOU

Patricia Almeida Dantas Veja bem, estou lidando com uma pessoa que estou conversando por email e que estou cogitando fazer um pagamento [da anuidade]. Sei que não é muito, mas fica complicado, sabe [não add a quase assinante no WhatsApp]. Claro que o contato não precisa ser o seu ou você a pessoa a conversar comigo, ok? A questão é que “nem só de dinheiro viverá a arte”. Fiz uma postagem marcando seu jornal e você [editor do Jornal e infelizmente diretor financeiro] nem apareceu. No mundo de hoje, a gente fica com o pé atrás. Agradeço gentilmente sua disponibilidade para me enviar os exemplares, mas tenho dificuldade para tratar dessas questões assim. Mui-tíssimo obrigada por sua atenção!

Eleazer Carrias Parabéns! Vida longa ao **RelevO**.

Raphael Cerqueira Acabei de ler o texto do Jack London na edição de agosto. Puxa, que soco no meu estômago, que, tal como minha mente, tem pretensões literárias. Falando sério, é um texto para ler e reler, nos faz questionar se o que fazemos (não só escrever, mas qualquer atividade) está sendo feito com originalidade e vocação. Obrigada, Jornal.

Rosanina Rubra LITERATURA, HUMOR, CULTURA E MAIS MAIS COISAS. DEPENDE. Assine este periódico impresso mensal.

Raquel Zepka A edição de setembro do Jornal tá pura verve e tenho a honra de ter um texto meu no meio de tanta coisa linda. Dá pra assinar o **RelevO**, sabia?!

DE PORTUCALE

T.E. Quarta-feira com esta última publicação. Agora é tempo de desfrutar. Obrigado à equipa do periódico literário de Curitiba pelo envio dos exemplares, embora não me tenham publicado, ainda. Parabéns pelo vosso trabalho e resiliência!

João Victor Fiorot Esses dias atrás, eu tava lendo a sessão de cartas do Jornal de agosto e me divertindo muito com as reações indignadas de quem recebeu uma resposta negativa. Pessoal fica que nem criança caçando elogio quando termina de fazer um desenho.

NA BPP

Lia Assis Emprestei um livro, peguei meu exemplar do **RelevO** e vazei.

★★★



EDITORIAL

De um futuro analógico

O nosso futuro será analógico.

Em virtude do caráter forjado na regularidade, o **RelevO** reforça com certa frequência a importância dos hábitos e de seu pacto com o real. Acreditamos nos rituais, nas repetições, nas buscas individuais por espaços que fujam da pressão e da volatilidade de ser contemporâneo. De fato, folhear papel parece tão... século 20, assim como todas as coisas que possuem dimensões táteis, como um sapato. E não parece muito sustentável (assim como os sapatos). Contudo, folhear papel é uma experiência real, mensurável.

Não somos o que se pode chamar de conservadores e não somos o que se chama de progressistas. Ao nosso modo, buscamos participar das discussões que mobilizam nosso cotidiano, em um cruzamento entre o novo e a tradição, entendendo o humor como uma força norteadora de nossa existência. Por apostar em novos autores e autoras, almejamos oferecer um recorte do que é produzido na atualidade, sem desconsiderar, por exemplo, uma tradução de Emily Dickinson que chega à nossa caixa de entrada. Não existe o novo sem uma interlocução com repertórios anteriores.

Entendemos que ser um jornal de papel e literatura em 2022 é promover um espaço de diversão (e alguma reflexão, vá lá) fora da tela. Somos pela produção de presença: o viés digital é apenas uma ferramenta de que fazemos uso moderado por conta de seu potencial de abrangência e distribuição. Nosso leitor ideal está procurando experiências *off-line* – também por isso nos solidarizamos com os leitores que não prosseguem com a assinatura por falta de tempo. De fato, deve ser frustrante investir 70 reais ao ano para uma leitura de aproximadamente uma hora e não conseguir ler no intervalo de 30 dias; é melhor gastar em outra coisa que produza presença – como uma pizza, mais ou menos nesse valor.

É possível argumentar que é melhor passar uma hora mensal nas redes sociais (sabemos que a média de vida que o brasileiro passará na internet é de 40 anos, com potencial de aumento de tempo), porque não se *gasta*. Mas aí temos uma diferença para um produto físico que custa 70 reais ao ano: em muitos casos, o produto nas redes é o próprio consumidor, imerso em uma rede alucinante de publicidade e recolhimento de dados. Assim, pela identificação dos hábitos (quem diria), o consumidor é avaliado pelas plataformas e o consumidor, então, compra ou vira audiência (que vira dinheiro). É a máxima recente: “se você não está pagando por isso, você não é o cliente – você é o produto”.

Acreditamos que o futuro será analógico não porque os cabos subterrâneos de internet serão cortados e voltaremos a usar lampião de querosene. Não somos luditas, muito menos saudosistas que acreditam que os egípcios de três mil anos atrás faziam intervenções dentárias melhores. Quando dizemos “nosso futuro”, nos referimos a uma parcela de pessoas que não aguentará mais a linearidade do consumo cultural e pagará para receber uma *experiência* em casa, longe de *banners*, *pop-ups*, comerciais indesejados, novos *links*, *cookies*, WhatsApp Web aberto, Craque Neto. E isso que nem estamos falando dos *smartphones* como intensificadores de ansiedade e depressão.

Um cínico de carteirinha pode apontar que o leitor de jornal de papel e de literatura que posta seu hábito analógico no Instagram é uma fraude. Pois nós não concordamos. Este nosso leitor ideal apenas está em busca de sua comunidade analógica, que pode desconhecer os benefícios (não é nossa função, mas agradecemos se houver) de simplesmente parar e ler algo aleatório – algo, sobretudo, tangível e não produtivo.

No **RelevO**, você recebe o que paga. Buscamos oferecer o que consideramos serem os mais interessantes textos contemporâneos. E nós pagamos aos colaboradores. Pouco, é verdade, mas em proporção infinitamente maior que a do Spotify para pagar aos músicos catalogados, por exemplo (com orçamento infinitamente menor). Outro fator que não desconsideramos é o simples aspecto egoísta de ter um produto de arte em mãos e poder fazer o que quiser com ele, como levar a uma cachoeira ou a um café, ou somente aproveitá-lo para forrar os copos diante da imediata mudança de casa.

Uma boa leitura a todos.

APOIADORES



@solteoverbo.linguas



OMBUDSMAN

Nuno Rau

QUANDO O ASSUNTO É POESIA & LITERATURA NÃO SIGA NENHUMA REGRA. NEM ESTA [BONUS TRACK: saudade dos aviões da Panair?]

[...] e no entanto, o poema é um objeto que se afirma pela sua precisão, e tal precisão pressupõe regras. A rebeldia inerente a toda criação por certo se sente instada a contestar isso que soa como cárcere, limitação, bloqueio à livre expressão. Percebo agora que as linhas acima merecem uma explicação do que as teria motivado: a mensagem do escritor Igor Castanheira dos Santos, que, motivado pelo desejo de ajudar o jornal, oferece uma série de sugestões que, a despeito de não explicitarem sua motivação, imagino terem por objetivo melhorarem o periódico (o que implica, por óbvio – o que a leitura das sugestões confirma –, a percepção de fragilidades na proposta editorial do **RelevO**). A intenção é inegavelmente meritória, e o escritor, para que não pensemos que tirou da cartola como uma ninhada de coelhos tal conjunto de providências necessárias, elenca sua formação acadêmica, Ciências Econômicas e Marketing, o que, de saída, suscitaria outro debate, sobre a propriedade de tais formações em relação a uma política e uma prática editoriais no campo da literatura. Antes que se pense que este ombudsman advertiria o bem-intencionado escritor sobre a necessidade de formação específica em literatura ou edição para justificar seu direito a sugestões, esclareço que não, rigorosamente não. A literatura e sua edição se alimentam da diversidade de perspectivas, e qualquer “reserva de mercado” aqui seria um dano, uma limitação perigosa. As ciências da literatura, que nas universidades produzem dissertações e teses mais do que necessárias, ampliam o debate, aprofundam questões, dissecam seu objeto e expõem aspectos antes não observados, alimentam a crítica com novas possíveis abordagens, não precisam provar sua condição de existência; no entanto, se afirmasse que o exercício da criação (e considero aqui também a edição como um exercício de criação) tem como seu caminho incontornável o método científico e o trânsito pela produção acadêmica, essa afirmação seria um distanciamento da realidade. Se assim fosse, verificaríamos que a melhor produção literária viria, incontornavelmente, do mesmo lugar que teses e dissertações, o que está longe de ser uma realidade. Esclarecido este pequeno ponto, preciso, antes de prosseguir, confessar minha má vontade com o que chamam de “marketing”. A má vontade começa com a palavra em si, uma importação provavelmente desnecessária, como *approach*, *asset*, *budget*, *coach*, *lead*, *trend* e toda uma parafernália de palavras em inglês que só comprovam nossa rendição a um (não tão) novo colonizador (alguém atento poderá dizer: mas

você aceitou a função de ombudsman, meu caro, veja bem: ombudsman.... É verdade, não tenho resposta para essa objeção, tenho e aceito minhas contradições). Não sei se vocês também sentem vontade de rir quando, numa reunião, alguém abre a boca e, quase sempre com um indistintável ar empolado, emite uma frase como “meu budget não prevê essas despesas”. Sempre me ocorrem pensamentos em torno da indigência cultural e da aceitação acrítica do que quer que venha, desnecessariamente, na língua do colonizador. O outro lado dessa má vontade tem a ver com a utilização majoritária do que chamam de marketing: ele tem por objetivo convencer as pessoas a adquirirem, quase sempre, o que não precisam com um dinheiro que não possuem. Seu intuito é fazer com que o Deus Mercado mantenha suas patas sobre a sociedade, e assim sigam existindo exploradores e explorados, os que possuem muito e os que nada possuem. Não, ninguém precisa me dizer que não vamos conseguir fazer a revolução. A contrarrevolução, na realidade, é a tendência mais forte, e a tal ponto que colonizou as consciências até no uso das palavras. É uma longa discussão que não caberia na cota máxima de cerca de 1500 palavras que me cabe no Jornal, e nem pretenderia esgotar.

Feitas as confissões necessárias, volto para o terreno da literatura e da edição, e da necessidade ou não de regras. O título deste mês envolve, na realidade, uma certa provocação, na medida em que o desdigo na primeira frase. A realidade é que falta um termo na equação que o título afirma: quando o assunto é poesia & literatura não siga nenhuma regra, se essa regra representar um consenso socialmente estabelecido. Não se faz arte com base em consensos socialmente estabelecidos. Um exemplo: quando os livros de Rubem Fonseca passaram a ser amplamente reconhecidos como potentes exemplares de uma certa literatura de matriz urbana, passaram a emergir centenas de emuladores e emuladoras da sua escrita, e, o que é pior ainda, a emulação se dava pela superfície, pela aparência, e nenhuma dessas pessoas seguiu o processo de depuração e crítica que o autor de *A Coleira do Cão* percorreu até chegar a uma estética precisa. Minha má vontade, nessas horas, também se manifesta, e a tal ponto que passei anos sem conseguir reler Rubem Fonseca, porque sempre me vinham à memória lembranças de seus imitadores. O mesmo com Leminski, um poeta cuja forma é replicada quase ao infinito. Pior destino tem Charles Bukowski, que tem sub-réplicas não só de sua escrita, mas também do drama que ensinou em vida envolvendo álcool, sexo e

literatura, só que extraído, precisamente, o drama: são apenas garotos de classe média, entediados com suas vidas limitantes e sem imaginação para desenvolver algo próprio (sem falar da misoginia geralmente associada a essa emulação).

Munido das melhores intenções – disso não tenho a menor dúvida –, Igor apresenta suas propostas que, a rigor, não são boas ou ruins em si mesmas, porque dependem de contexto, mas teve, a meu ver, a má sorte de começar com “invistam em textos mais curtos”. Preciso confessar outra má vontade: a apropriação de termos do campo dos negócios para conversas que nada têm a ver com isso me incomoda demais. Quando leio algo como “invistam em textos curtos”, fico pensando nos editores despejando expressivas quantias na aquisição de ações do tipo “textos curtos”, sem saber que a saturação dos mercados, no campo da literatura (e da arte em geral) pode provocar sua queda irreversível, cuja recuperação às vezes dura o tempo de uma geração. Fico imaginando alguém como João Ubaldo Ribeiro lendo uma frase assim, tendo ao fundo, em sua estante, *Viva o povo brasileiro*. Ou Jorge de Lima, redivivo, escutando que o poema curto é o grande lance, que ninguém lê mais do que 140 caracteres (e aqui nesse texto já vamos pela casa dos 6.300). Quantos caracteres tem *Invenção de Orfeu*? Pensando bem, talvez haja uma semelhança entre o mercado de ações e a literatura: quando uma grande quantidade de pessoas está indo numa direção, é sempre saudável mensurar a possibilidade de mudar de rumo, porque manadas não raro marcham sem uma percepção dos riscos, justamente porque seus membros acreditam que a maioria sempre está certa, além de ser mais confortável e menos trabalhoso seguir receitas. Enquanto ainda há quem pense que ninguém mais lê além de 140 caracteres, às vezes tudo que quero é ler um romance como *Doutor Fausto*, ou reler a *Divina Comédia* (ou *Invenção de Orfeu*, para não esquecer de Jorge). Quando uma parcela da produção em prosa “investe” em frases curtas, tudo que desejo é me perder na sintaxe de Saramago, em suas labirínticas sentenças que não encontram ponto final. Quando uma massa nada desprezível de textos apontam a experiência urbana na literatura e na poesia, há em mim uma sede de reencontrar Grande sertão: veredas, ou algum(a) novo(a) autor(a) que se debruce sobre a realidade e a linguagem dos rincões desse país continental. Rosa não era isento de regras, muito ao contrário, sua escrita seguia regras rígidas: mas eram suas regras, sua visada crítica sobre o real. Assim

também Graciliano, e Clarice, e Hilda, e Rubem, e toda pessoa que quiser fazer arte, que quiser fazer com que as palavras dançam sob a aparente fixidez da tinta sobre o papel (ou dos pixels nas telas).

Na verdade, tudo faz crer que há sempre um mundo estranho lá fora, e esse mundo reclama representação e diálogo. Penso nisso ao ler as propostas de Bolívar Escobar, as exumações textuais de Gloria Evangelina Anzaldúa (que potência!), a síntese e a elisão em Ana Clara Viana, a apropriação dos lugares comuns da fala em contraste com o absurdo da realidade em Zeh Gustavo, a densíssima atmosfera rarefeita dos poemas de Verônica Ramalho (sim, só um oxímoro poderia sintetizar o impacto dessa pequena série). Penso também que os poemas de Natasha Sardoska, a despeito do mérito da tradução, me trazem a ideia de que saber várias línguas não é garantia de produzir bons poemas e bons livros, porque, como impressão geral, achei os poemas banais, crivados de lugares comuns, à exceção de *Testamento*. Penso também em como é bom poder estar equivocado em meus juízos provisórios, e em como, não raras vezes, essa provisoriade vai se instaurando em permanência. Penso em gostar da edição de setembro equilibrar poemas e prosa, e humor, e cultura (as colunas *Enclave* e *Brazilliance* mantendo o brilho). Penso, enfim, que os editores tateiam buscando seus caminhos, assim como escritores, e ombudsmans, acertam, erram, mas a beleza está na procura e na não aceitação de regras socialmente impostas.

Bonus track: não posso negar que me divirto de algum modo com a querela literária encenada nas cartas. O tom antigo na elaboração dessa pendenga literária encena um não sei quê de crítica ao próprio argumento da peça, e isso é o que mais me agrada, e diverte. A despeito disso, tenho emoções contraditórias a esse respeito: ao mesmo tempo que sinto um certo fastio em face de qualquer querela no campo literário, em geral produzidas por egos ululantes e bem maiores do que o espaço que os contém, sinto falta das querelas reais, de contendas estéticas em que o problema de nosso presente seja posto em xeque. O oposto da querela é a passada de pano, a ação em grupo de pressão embebida em farisaísmo, e aí o fastio se reveste de náusea. A querela ora em questão, a despeito das diatribes hilárias, não foi exatamente a um ponto, e talvez seja esse meu maior incômodo.

Som incidental: Jonathan Swift comparece na última página do **RelevO** como o mais jovem e ácido escritor do momento.

Hans Ulrich Gumbrecht

Tradução de Greicy Pinto Bellin

Trecho de *Stadiums as Rituals of Intensity* (Stanford University Press, 2021)

O desprezo pelas massas

As massas raramente querem expressar a si mesmas: permanecemos sem palavras em uma multidão, e acabamos não tendo vocabulário adequado para descrever o que as torna tão atraentes. Este é um aspecto fundamental do problema; o outro tem relação com um discurso intelectual que nutre um desprezo pelas massas, discurso este inevitavelmente disparado todas as vezes que tentamos descrevê-las com “neutralidade” e de forma bem menos simpática. A história deste discurso se inicia na classe média europeia do século 19, com a institucionalização e o estabelecimento de um entendimento obrigatório acerca do indivíduo como uma pessoa que quer se diferenciar das outras pessoas. Até o final de sua carreira em 1888, Friedrich Nietzsche atacou, de forma regular, o “instinto de manada” de seus contemporâneos, sendo este apenas mais um traço incubado desprezo pelas massas, dificilmente incisivo por causa de sua onipresença. Como discurso, entretanto, este desprezo apresenta um início datado e uma estrutura compulsiva assustadoramente estável — uma estrutura das quais as especulações intelectuais acerca das massas nunca foram realmente capazes de escapar.

Esta estrutura veio a existir com a ressonância europeia massiva do livro de Gustave Le Bon, *Psicologia das Massas*, de 1895. Trata-se de um autor francês que, distanciado do mundo acadêmico, fez um nome para si mesmo principalmente por meio de seu engajamento com questões científicas populares (em 1903, ele foi nomeado para o recém-estabelecido Prêmio Nobel em física). Le Bon escreveu sobre as multidões com intenções completamente polêmicas e ao mesmo tempo cautelosas, afirmando de forma crítica na introdução que elas deveriam ser pensadas como “as últimas remanescentes” no mundo político. Por esta razão, ele continua, a humanidade permaneceu “no princípio de uma era das massas”. Todas as “civilizações” teriam sido criadas por

“aristocracias intelectuais” compactas, ao passo que a função e o chamado das massas geralmente consistia na “destruição” — e particularmente, no final do século 19, na bárbara destruição da cultura tradicional, que perdeu “toda a sua força de poder moral”. “Como micróbios”, as multidões completaram o ciclo da “dissolução de corpos fracos ou quase mortos”.

Depois deste início contundente e de suas drásticas e centrífugas metáforas, o texto de Le Bon culmina em uma tese que ele, assim como outros autores a ele similares, iriam se apegar fortemente. Segundo ele, cada conjunto de massas causa certas “transformações” nos indivíduos. Essa afirmação lhe permitiu tratar, em suas reflexões, não exatamente da fenomenologia específica do comportamento das massas, mas sim de uma versão menor da individualidade — a versão de *Massenmensch*, como logo começou a ser chamada. Nas massas, propôs Le Bon, o subconsciente do indivíduo, isto é, a dimensão em que os seres humanos supostamente e raramente diferem uns dos outros, vem à tona. Supõe-se que isso resulte, em primeiro lugar, na supressão e redução precisas do tipo de inteligência que enfatiza a diferença entre os indivíduos. Em segundo lugar, ele continuou, a pessoa se sente forte dentro de uma multidão e, portanto, é encorajada a seguir “impulsos irresponsáveis”. Em terceiro lugar, as massas de Le Bon apresentam uma propensão a adotar “como se por infecção” os comportamentos de outros membros da multidão (isto é, copiá-los), sendo marcadas, em quarto lugar, por “sua vontade de serem hipnotizados” — isto é, por seu desejo de ser controlado por uma força externa (“as massas querem um deus”).

A descrição de Le Bon ainda parece plausível, até porque a maioria de nós encontra alguma versão dela durante um processo normal de socialização e, portanto, a considera como um conhecimento comum, juntamente com a

observação amigável e relativizadora de que as massas não são apenas caracterizadas por sua “tendência ao crime”, mas também pelo seu “potencial de heroísmo”. A biografia e o desenvolvimento ideológico de Le Bon deixam claras suas motivações por trás dessa posição mais central. Em 1871, aos 30 anos, o autor presenciou os acontecimentos em torno da Comuna de Paris em reação à derrota na Guerra Franco-Prussiana — ou seja, o segundo momento revolucionário (após 1848) que não decorreu inteiramente das energias burguesas. Nos anos seguintes, ele ficou traumatizado pelo medo de que as massas ganhassem agência política e assim se tornassem os legitimadores absolutos da violência. Cronologicamente, a experiência mais imediata por trás do livro de Le Bon foi a ascensão em 1889 do general George Boulanger, uma figura imensamente popular entre as massas e que encarnou o sonho tardio de vingança contra a Alemanha prussiana. Boulanger pode ter desperdiçado sua chance de poder ditatorial, mas deixou para trás nas classes educadas e republicanas em toda a Europa (o termo “intelectual” ainda não existia) um medo persistente dos movimentos de massa e suas demandas. Isso, particularmente na França, contribuiu claramente para a sustentabilidade histórica da Terceira República como uma estrutura institucional de normalidade estatal.

A extensão e a importância do domínio de Le Bon sobre os horizontes do pensamento sobre as massas tornam-se claras com a publicação do ainda estimado tratado *Group Psychology* (*Massenpsychologie* em alemão) e *Análise do Ego* por Sigmund Freud em 1921. Freud não dedicou apenas um capítulo inteiro ao resumo da tese de Le Bon — ele também assumiu sua arquitetura argumentativa sem mudanças significativas, variando-a apenas com sua própria versão da terminologia de seu antecessor (o que, no final, permitiu-lhe desenvolver ainda mais os motivos das teorias anteriores). Assim como Le Bon, Freud partiu da premissa de que “o indivíduo na multidão” muda de maneira fundamental porque a multidão lhe confere uma sensação de “poder e segurança”. No lugar do posicionamento central de Le Bon do conceito de “inconsciente”, Freud usou o termo mais específico “pulsões” (*die Triebe*) — “infecção” tornou-se “indução mútua” e, naturalmente, ao falar do desejo das massas de um “líder hipnótico” ou “deus”, a “libido narcísica” de Freud entrou em jogo. As massas eram “impulsivas, mutáveis, excitáveis”, escreveu Freud, e eram “lideradas quase inteiramente pelo subconsciente”. Mas Le Bon também tinha chegado tão longe — e nosso maior arrependimento é que seu livro possa ter impedido a imaginação-teoria singularmente poderosa de Freud de especular sobre um com-

portamento hipoteticamente “genuíno” das massas como um todo em vez apenas sobre o comportamento “do indivíduo” dentro de uma multidão.

O livro mais conhecido internacionalmente na tradição de Le Bon, no entanto, é *La Rebelión de la Masas*, de José Ortega y Gasset, condensado de uma série de ensaios publicados no jornal *El Sol* e ainda emanando o espírito bastante otimista da burguesia ocidental de meados da década de 1920, embora sua publicação tenha coincidido com o colapso da economia global em 1929. Como Le Bon e Freud antes dele, Ortega começou com a suposição de que o indivíduo (e, de fato, “o indivíduo de todas as classes sociais”) mudou sob a influência de uma multidão e também como parte dela porque as massas transmitiam sentimentos de “bem-estar e auto-satisfação” que motivavam o indivíduo a “fazer exigências”. Com um notável talento para o fraseado sucinto e inovador, Ortega foi muito além de Le Bon e Freud para desenvolver um repertório tipológico perenemente aplicável para descrever o *Massenmensch*, que age tanto como “uma criança mimada” (niño mimado) quanto “um saber auto-satisfeito” (*señorito satisfecho*) que nega a existência de certas instituições e valores enquanto secretamente confia neles. Nessa atitude, Ortega queria localizar a substância social do fascismo, então em ascensão na maioria das sociedades europeias. Mais universalmente, o *Massenmensch* era caracterizado por uma assimetria entre “a insistência em seus direitos” e “o esquecimento de seus deveres”, fato que o tornava a antítese da elite burguesa automotivada.

É precisamente essa referência histórica às tendências fascistas internacionais e sua escalada extática no nacional-socialismo alemão que, depois de 1945, solidificou o desprezo pelas massas que já era evidente entre os intelectuais em 1930. Não só porque sua base conceitual continuou a encontrar ressonância: o fascismo e o nacional-socialismo encontraram na “encenação das massas nacionais” seu ritual central. No início do movimento, Mussolini assumiu o governo italiano com a “Marcha das Camisas Negras” de 1922 sobre Roma; isso se repetiu na tomada do poder de Hitler em 30 de janeiro de 1933, com um desfile das SA por Berlim, atingiu seu ápice monumental nos comícios de Nuremberg (não foram apenas os seguidores de Hitler que sucumbiram à sua estética) e finalmente chegaram a um potencial suicida: conclusão no frenético “Sim!” emitido pela multidão em frente ao Sport Palast em fevereiro de 1943 em resposta à pergunta de Joseph Goebbels: “Você quer guerra total?”. Desde então, é impossível para aqueles que desejam preservar sua pretensão de alguma forma de erudição falar positivamente das massas quando se referem a estruturas e movimentos sociais.

Greicy Pinto Bellin

Trecho de Dimensões do ritmo nos contos de Machado de Assis (*Appris*, 2022)

O ritmo na teoria e na crítica literária

A amplitude e a complexidade da noção de ritmo apresentam-se como verdadeiros desafios para os pesquisadores e pensadores das Humanidades, considerando as múltiplas definições do termo e seu emprego na esfera do senso comum. Ritmo é, normalmente, percebido como algo que integra a existência humana em sua totalidade, o que se constata em expressões como ritmo biológico, ritmo cosmológico, ritmo circadiano, ritmo da respiração, ritmo de vida, entre outras. Para os fins propostos neste livro, faz-se necessário analisar a passagem da palavra “ritmo” em sua acepção cotidiana rumo ao conceito presente no âmbito da crítica e da teoria literárias, apontando para algumas de suas definições e enfatizando não apenas o estabelecimento de possíveis relações com outros conceitos e/ou categorias, mas também alguns impasses teóricos e filosóficos suscitados por esse mesmo conceito.

A acepção grega da palavra “ritmo” remete ao fluir das ondas do mar, significado considerado equivocado por Emile Benveniste, tendo em vista que na cultura grega o termo “fluir” não apresenta essa conotação. Até o século V, ritmo foi definido como “forma distintiva, figura proporcionada, disposição”; Platão, por sua vez, em-

pregou-o para o movimento da dança ou do canto, podendo ser rápido ou lento, a depender do andamento. Consagrou-se, a partir desta definição, a associação entre ritmo e música, ritmo e dança ou ritmo como movimento cadenciado de algo, o que aponta para outras definições que aparecerão nos dicionários de língua portuguesa. A associação entre ritmo e música está presente no verbete direcionado ao termo no dicionário *Houaiss*, na ideia de uma “sucessão de tempos fortes e fracos que se alternam com intervalos regulares em um verso, em uma frase musical”, ou como “unidade abstrata de medida do tempo, a partir da qual são determinadas as relações rítmicas; pulsação, cadência” (RITMO, 2022, s/p). Já o dicionário *Aurélio* traz uma acepção mais ampla, que desvincula o ritmo da música e da dança para remeter a algo que integra a existência humana, percebendo-o como “movimento ou ruído que se repete, no tempo, a intervalos regulares, com acentos fortes e fracos” e como “variação que ocorre periodicamente de forma regular” (AURÉLIO, 1993, p. 483).

Ambas as definições possuem aspectos em comum que apontam para determinadas visões padronizadas e esquemáticas acerca do ritmo, sin-

tetizadas nos seguintes termos e expressões: regularidade, movimento, variação, sucessão de tempos com intensidades diferentes, alternância prosódica de sons e estruturas, padrões, seqüências harmônicas, entre outros termos e expressões que pertencem a campos semânticos similares. Torna-se claro que ritmo se refere a algo que possui certa regularidade dentro de uma determinada faixa temporal, ou a algo que segue um movimento cadenciado de acordo com alternâncias que podem ser formais e/ou de conteúdo. Outras associações envolvendo ritmo na crítica literária e nas ciências humanas compreendem as relações entre ritmo e poesia, ritmo e metro, e ritmo e oralidade, presentes nas reflexões de estudiosos como Antonio Candido e Massaud Moisés, e em teóricos importantes para a compreensão do fenômeno do ritmo, como Henri Meschonnic e Claude Zilberberg.

Octavio Paz, em famoso estudo de sua autoria, percebe o ritmo como componente inseparável da linguagem, e como determinante para o estabelecimento de distinções entre prosa e poesia. Na visão do autor, toda forma verbal possui ritmo, mas este só se manifesta inteiramente no poema, de forma que “o ritmo é condição do poema, enquanto que é inessencial para a prosa” (PAZ, 1976, p. 11-12). A ideia de poesia enquanto locus por excelência de uma manifestação plena do ritmo tornou-se corrente na teoria e na crítica literárias, de maneira que a intenção de estudar ritmo é sempre associada ao estudo e à pesquisa de gêneros poéticos do discurso. O posicionamento de Candido em *Es-*

tudo Analítico do Poema é representativo desta tendência, a qual acabou por exercer forte preponderância na crítica literária brasileira. O autor aponta para a percepção do ritmo enquanto fenômeno resultante da tonicidade e da alternância de vogais, contrapondo-se à teoria métrica que, segundo ele, era característica dos românticos e dos parnasianos. Em sua visão, o ritmo seria formado pela “alternância de sílabas mais acentuadas e menos acentuadas” (CANDIDO, 2006, p. 68). A relevância da contribuição de Candido estabelece-se no sentido de apontar para a problematização de uma relação entre ritmo e metro, expressa, por exemplo, na noção de célula métrica. Tal noção conduz a uma maior atenção às diferentes realizações rítmicas dentro de um mesmo metro, rompendo com a ideia de que ritmo e metro seriam exatamente a mesma coisa. Massaud Moisés, por sua vez, apresenta uma percepção esquemática do ritmo, que seria estabelecido por critérios sonoros, reforçando a associação entre ritmo e musicalidade. Outro aspecto relevante da reflexão do autor diz respeito à diferença entre ritmo e cadência, e esta última “designaria a alternância das sílabas longas e breves, ou tônicas e átonas, as pausas do verso (ou do período), as elevações e quedas da voz na prolação do verso ou do período” (MOISÉS, 1993, s/p). A cadência, desta forma, participa da formulação do ritmo, mas não o determina, e este último engloba a primeira.

A definição apresentada por Moisés aponta para dois aspectos: o primeiro é a inexistência de uma circunscrição da noção de ritmo às sílabas poéticas ou

às células métricas de um poema; e o segundo é relativo a uma limitação do conceito de ritmo aos aspectos concretos e sonoros de uma língua, o que invalidaria as ocorrências do fenômeno rítmico em outras dimensões. De fato, é possível questionar a associação entre ritmo e metro valendo-se da percepção de que o metro diria respeito à mera disposição das sílabas poéticas em um poema, ao passo que o ritmo englobaria uma dimensão muito mais ampla. Prova disso seria o fato de que versos com a mesma métrica podem não ter o mesmo ritmo, especialmente quando se observa a readequação desses versos em um processo tradutório. Interessante, sob este aspecto, é o estudo da teórica russa Marina Tarlinskaja sobre o verso inglês, citado por Henri Meschonnic: segundo este estudo, um pentâmetro iâmbico utilizado por William Shakespeare não manteria a estrutura métrica na tradução para o russo, e não manteria o ritmo, a depender do contexto de sua ocorrência (MESCHONNIC, 1982a). Da mesma forma, pode-se desestabilizar a associação peremptória entre ritmo e poesia servindo-se da constatação de que o ritmo está presente em todas as manifestações de linguagem, independentemente de sua classificação enquanto prosa ou poesia.

Criticado por uma postura identificada como *panritmismo* por considerar que o ritmo está presente em praticamente todas as esferas da existência humana e da vida em sociedade,

Meschonnic realizou estudos que nos permitem desestabilizar algumas concepções cristalizadas associadas a este conceito. Baseando-se na ideia de que a “fronteira entre oral e escrito não é tão segura”, o autor propõe a ruptura da dependência da noção de ritmo no que se refere à oposição entre prosa e poesia. Ele critica, por exemplo, a postura de teóricos como Godard, que nem sequer menciona o ritmo em sua análise sobre a poética de Céline, rompendo com a arbitrariedade da relação entre ritmo e música, e desestabilizando a ideia segundo a qual o ritmo seria apenas formal e/ou silábico. Acerca da relação entre ritmo e significado, e ao contrário do que é normalmente dito por autores como Candido e Moisés (os quais defendem a ideia, comumente aceita no âmbito da crítica literária, de que o ritmo sublinharia o significado, encontrando-se subordinado a ele), Meschonnic inverte a relação de subordinação entre as duas instâncias quando, na realidade, elas podem ser equalizadas no que diz respeito ao potencial que o ritmo teria na criação de uma experiência estética. A reflexão teórica de Hans Ulrich Gumbrecht, a partir da década de 1980, procura trazer não apenas uma definição de ritmo em sua relação com a dimensão temporal, mas uma análise dos aspectos relacionados às funções do próprio ritmo em sua dimensão não hermenêutica, fundamental para a compreensão do questionamento das suas relações com a instância do significado.

De tanto bater com o osso, a dor vira anestesia, nova coletânea de André Giusti, reúne trinta e cinco anos de produção poética. Sob a sua dicção muito própria, reencontramos a poesia como insistência e defesa: “cada dia que amanhece / é o corte de uma navalha”. A exemplo da “escrita imediata dos meteoros”, a poesia de André Giusti é incisiva, dispensa solenidade e tem os pés bem apoiados no chão. Mas comove como um blues e, assim, chega, atravessa e envolve a todos sem pedir permissão. Os poemas retratam o cotidiano com lentes muito especiais. E impressiona a harmonia da linguagem poética, que os anos justapostos legitimam e aprimoram. E a partir do apartamento imaginário, a poesia vai ao mundo, buscando a completude impossível que nos lega a condição humana. Comove com a crônica (um boletim de ocorrência) do que há de mais secreto, a nudez de cada qual no espelho das palavras. Sim, “... as grandes respostas / estão nos grandes silêncios / ao longo do dia”. Não importam o bater dos ossos ou a dor. Alheia aos disfarces e emboscadas, a voz de André Giusti é livre. Sua poesia também. Por Alberto Bresciane

www.editorapenalux.com.br



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com



Linhas

linhas sempre tênues
entre uma e outra coisa
tudo infinitamente
divisível e multiplicável
estradas não começam nem
terminam
países não entram
não saem
distinguir:
passado presente futuro
para que servem as vírgulas
são essas linhas
sempre tênues
cismas de tempo
espaço
a porta entreaberta
(nem quarto nem corredor)
que o caminhar destrói

Poema do livro *É verdade que tudo aquilo aconteceu num dia sem data*, de Maria Catarina Gestinari.

A obra foi publicada em abril de 2022 pela editora Urutau.

Para adquirir:

www.editoraurutau.com/titulo/e-verdade-que-tudo-aquilo-aconteceu-num-dia-sem-data

Gloria Evangelina Anzaldúa

Tradução de Gabriela Aparecida de Oliveira

“La Prieta” é um ensaio autobiográfico de Gloria Evangelina Anzaldúa (1942-2004), escritora lésbica, feminista e chicana. Sua primeira versão foi publicada no livro *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color* (1981), uma antologia editada pela própria autora e por Cherríe Moraga (1952), escritora, feminista, ativista, poeta, ensaísta e dramaturga mexicano-estadunidense. A obra reúne escritos de mulheres “terceiro-mundistas”. A versão atual, que será publicada em duas edições no **RelevO** é da editora Suny Press (2015, p. 198-219).

La Muerte, a Rainha da Neve Congelada

Eu cavo uma cova, enterro meu primeiro amor, um pastor alemão. Enterro o segundo, o terceiro e o quarto cachorros. O último vomitando no quintal, tendo convulsões por envenenamento por inseticida. Eu o enterrei ao lado dos outros, cinco montes em uma fileira coroados com cruzeiros que fiz com gravetos.

Chega de animais de estimação, chega de amores — cortejo a morte agora.

Dois anos atrás, em um dia de novembro no Parque de Yosemite, eu caí no chão com cólicas, fortes calafrios e tremores que chegaram a espasmos e quase convulsões, depois febres tão altas que meus olhos pareceram ovos fritando. Doze horas disso. Digo a todos: “Não é nada, não se preocupe, estou bem”. Os primeiros quatro ginecologistas aconselham uma histerectomia. A quinta, uma mulher, diz “espere”.

Março passado, meus miomas conspiraram com uma infecção do trato intestinal e geraram melancias em meu útero. O médico brincou com sua faca. *La Chingada*¹ se abriu, estuprada com a varinha do homem branco. Minha alma em um canto do teto do hospital, ficando cada vez mais fina, me dizendo para limpar minha merda, para liberar os medos e o lixo do passado que estão me segurando. Então, pego a foice de *La Muerte*² e corto minha arrogância e orgulho, as depressões emocionais a que me entrego, as maluquices que faço a mim mesma e a outras pessoas. Com sua foice corto o cordão umbilical que me acorrenta ao passado e a amigos e atitudes que me colocavam para baixo. Descarto — até o osso. Torno-me totalmente vulnerável.

Eu não consigo dormir à noite. O assaltante disse que viria me buscar. Houve uma fuga na cadeia local e eu apenas sei que ele está furioso e está vindo me pegar porque eu peguei uma pedra grande e o persegui, porque consegui ajuda e o peguei. *Como ele ousa* me arrastar sobre pedras e galhos, a pele dos meus joelhos descascando, *como ele ousa* colocar as mãos na minha garganta, *como ele ousa* tentar me sufocar até a morte, *como ele ousa* tentar me

empurrar da ponte para respingar meu sangue e ossos nas rochas seis metros abaixo. Sua respiração no meu rosto, nossos olhos a apenas alguns centímetros de distância, nossos corpos rolando no chão em um abraço tão íntimo que poderíamos ter sido confundidos com amantes.

Naquela noite, o terror me encontrou enrolada em minha cama. Eu não conseguia parar de tremer. Durante meses, o terror me atingiu à noite e nunca mais me deixou. E mesmo agora, sete anos depois, quando estou na rua depois de escurecer e ouço passos correndo atrás de mim, o terror me atinge continuamente.

Chega de animais de estimação, chega de amores.

...um dos meus amantes dizendo que eu era frígida quando ele não conseguia me fazer chegar ao orgasmo.

...trazendo para casa meu namorado peruano e minha mãe dizendo que não queria que sua *Prieta* tivesse um “*mojado*”³ como amante.

...minha mãe e meus irmãos me chamando de puta quando eu disse a eles que tinha perdido minha virgindade e que tinha feito de propósito. Minha mãe e meus irmãos me chamando de *jota* (*queer*) quando eu disse a eles que meus amigos eram gays e lésbicas.

...Randy dizendo: “É hora de você parar de ser freira, uma rainha do gelo com medo de viver”. Mas eu não queria ser uma rainha da neve com sorrisos gelados e unhas que rasgavam sua presa implacavelmente. E, no entanto, eu sabia que estar distante, remota, uma montanha dormindo sob a neve, era o que o atraía.

Uma mulher está enterrada sob mim, enterrada há séculos, dada como morta.

Uma mulher está enterrada sob mim. Eu ouço seu sussurro suave o raspar de sua pele de pergaminho lutando contra as dobras de sua mortalha. Seus olhos são perfurados por agulhas suas pálpebras, duas mariposas esvoaçantes.⁴

Sempre fico surpresa com a imagem que meus amigos brancos e não chicanos

têm de mim, surpresa com o quanto eles não me conhecem, em como eu não permito que eles me conheçam. Eles substituíram a imagem negativa que a cultura branca pintou de minha raça por uma imagem altamente romantizada e idealizada. “Você é forte”, disseram meus amigos, “uma montanha de força”.

Embora o poder possa ser real, as qualidades míticas associadas a ele impedem os outros de lidar comigo como pessoa e me roubam a capacidade de representar meu outro eu. Ter esse “poder” não me isenta de ser uma presa na rua nem facilita minha luta para sobreviver, para me alimentar. Para lidar com a dor e controlar meus medos, desenvolvi uma grossa carcaça. Oh, os muitos nomes do poder — orgulho, arrogância, controle. Eu não sou a rainha da neve congelada, mas uma mulher de carne e osso com um coração talvez muito amoroso, que pode ser facilmente ferido.

Eu não sou invencível, eu te digo. Minha pele é tão frágil quanto a de um bebê. Tenho ossos frágeis e humanos, estou lhe dizendo. Tenho o braço quebrado.

Você é um fio de navalha, você me diz. Dê um choque neles. Seja o holocausto. Seja a Kali negra. Cuspa nos olhos deles e nunca chore. Oh, anjo quebrado, jogue fora seu gesso, conserte sua asa. Não seja uma pedra, mas o fio da navalha e queime ao cair. — Journal Entry, Summer Solstice, 1978.

Quem é meu povo

Sou uma ponte que balança com o vento, uma encruzilhada habitada por redemoinhos. Gloria, a facilitadora, Gloria, a mediadora, ocupando as paredes entre os abismos. “Sua lealdade é para com La Raza, o movimento chicano”, dizem os membros de minha raça. “Sua lealdade é para com o Terceiro Mundo”, dizem meus amigos negros e asiáticos. “Sua lealdade é para com o seu gênero, para com as mulheres”, dizem as feministas. Depois, há minha lealdade ao movimento gay, à revolução socialista, à Nova Era, à magia e ao ocultismo. E há minha afinidade com a

literatura, com o mundo artístico. Quem sou eu? Uma feminista lésbica do Terceiro Mundo com inclinações marxistas e místicas. Eles me cortariam em pequenos fragmentos e marcariam cada peça com uma etiqueta.

Você diz que meu nome é ambivalência? Pense em mim como Shiva, um corpo de muitos braços e pernas com um pé no chão marrom, um no branco, um na sociedade heterossexual, um no mundo gay, no mundo dos homens, no mundo das mulheres, um membro no mundo literário, outro na classe trabalhadora, no socialismo e no mundo oculto. Uma espécie de mulher-aranha pendurada por um fino fio de teia.

Confusa eu? Ambivalente? Não muito. Apenas seus rótulos me dividem.

Anos atrás, uma colega de quarto minha que lutava pelos direitos dos homossexuais disse à MAYO, uma organização chicana, que ela e o presidente eram gays. Eles foram condenados ao ostracismo. Quando eles saíram, MAYO desmoronou. Eles também, sendo forçados a escolher entre as prioridades de raça, preferência sexual⁶ ou gênero.

Nas ruas desta meca gay, San Francisco, um homem negro em um ponto de ônibus grita: “Ei bichas, venham chupar meu pau”. Randy grita de volta: “Seu preto desgraçado, trabalhei no movimento dos Direitos Civis por dez anos para você me xingar”. A culpa engasgou em sua garganta com a palavra “preto”... uma mulher branca esperando o bonde para a J-Church vê Randy e David se beijando e diz: “Vocês deveriam ter vergonha de si mesmos. Dois homens adultos — nojento”.

Randy e David correndo para dentro de casa. Os pelos da minha nuca se arrepiam, algo em suas vozes provoca medo em mim. Três homens latinos em um carro os perseguiram enquanto voltavam do trabalho para casa. “Garotos gays, viados”, gritaram jogando uma garrafa de cerveja. Saindo do carro, as lâminas das facas refletem a lua cheia. Randy e David se batendo no corredor. Baques na parede — os barulhos de animais.

Randy batendo na minha porta com o canto da boca sangrando, os óculos quebrados, cego sem eles, ele chorava: “Eu vou matá-lo, vou matar esse filho da puta”.

A violência contra nós, a violência dentro de nós, despertada como um cão raivoso. Corpos cheios de adrenalina, trazemos para casa a raiva e a violência que encontramos na rua e a voltamos uns contra os outros. Nós soltamos o cachorro raivoso para cima do outro e para cima de nós mesmos. A nuvem negra da alienação desce, as pontes que estendemos um para o outro desmoronam. Colocamos as paredes de volta entre nós.

Mais uma vez, é a hora de caçar e atormentar bichas e queers na cidade. “E no seu primeiro aniversário de amor um pelo outro”, digo a Randy, “e eles tinham que ser latinos”, sentindo-me culpada quando olho para David. Quem protege o meu irmão, eu me pergunto — sabendo que eu tenho, que todos nós temos que protegê-lo. Somos todos responsáveis. Mas quem exatamente é meu povo?

Eu me identifico como mulher. Tudo o que insulta as mulheres, me insulta.

Eu me identifico como gay. Quem insulta os gays me insulta.

Eu me identifico como feminista. Quem insulta o feminismo me insulta.

Aquilo que é insultado eu pego como meu, mas há algo muito simples nesse tipo de pensamento. Parte da dialética está faltando. E aquilo com que não me identifiquei?

Tive pavor de escrever este ensaio porque terei que admitir o fato de que não excluo os brancos da lista de pessoas que amo, dois deles são homens gays. Pela postura politicamente correta, deixamos que cor, classe e gênero nos separem daqueles que seriam nossas almas gêmeas. Assim, as paredes ficam mais altas, os abismos entre nós mais amplos, os silêncios mais profundos. Há uma enorme contradição em ser uma ponte.

Dance ao ritmo do *Radical Colored Chic*

Esta tarefa — ser uma ponte, uma porra de uma encruzilhada pelo amor da deusa.

Durante minha passagem pelo *Feminist Writers' Guild*, muitos membros brancos me perguntaram por que as mulheres do Terceiro Mundo não comparecem às reuniões e leituras do FWG. Eu deveria ter respondido: “Porque a pele delas não é tão grossa quanto a minha, porque o medo de encontrar o racismo é maior do que o meu. Elas não gostam de ser desprezadas, ignoradas, não envolvidas em um diálogo igual, serem símbolos. E nem eu”. Oh, eu sei, as mulheres de cor agora são atraentes e descoladas. Nossos ritmos afro e as salsas latinas, nossas batidas estão na moda. Mulheres brancas se aglomeram em nossas festas, dançam ao som radical e chique das pessoas “de cor”. Elas vêm para nossas leituras, assumem nossa causa. Não tenho objeções a isso. O que me preocupa são as pseudoliberais que sofrem com o fardo das mulheres brancas. Como o macaco da história sufi, que ao ver um peixe na água corre para salvá-lo do afogamento, carregando-o para os galhos de uma árvore. Ela assume um papel missionário. Ela tenta falar por nós — que presunção! Este ato é um estupro de nossa língua e nossa aquiescência é uma cumplicidade com esse estupro. Nós, mulheres de cor, temos que deixar de ser medusas modernas — gargantas cortadas, silenciadas e reduzidas a um mero assobio.

Onde colocamos a culpa

A tensão entre o que é e o que deveria ser.

A raiz da doença está dentro de nós ou em nossas instituições patriarcais? Nossas instituições nasceram e se propagaram e somos apenas peões em seus tabuleiros? As ideias se originam nas mentes humanas ou existem em um “não-lugar”, um limbo onde as ideias se originam sem nossa ajuda? Onde colocamos a culpa pela doença que vemos ao nosso redor — em torno de nossas próprias cabeças ou na garganta do “capitalismo”, do “socialismo”, dos “homens”, da “cultura branca”?

Se não criamos essas instituições,

nós certamente as perpetuamos por meio de nosso apoio inadvertido. Que lições aprendemos com o assaltante?

Certamente o racismo não é apenas um fenômeno branco. Os brancos são os melhores cães e eles cagam no resto de nós todos os dias de nossas vidas. Mas atirar pedras não é a solução. Nós devolvemos aos opressores as pedras que eles jogam em nós? Com que frequência nós, pessoas de cor, colocamos nossos pescoços na guilhotina? De que maneira estendemos nossos pulsos para sermos algemados? Nós amordaçamos nossas próprias bocas com nossa resignação “*dios lo manda*”? Quantas vezes antes de o galo cantar nós negamos a nós mesmos, sacudimos nossos sonhos e os pisoteamos na areia? Quantas vezes deixamos de ajudar uns aos outros a subir as escadas? Quantas vezes deixamos outra pessoa carregar nossas cruces? Como ainda suportamos ser crucificados?

É difícil me libertar do preconceito cultural chicano no qual nasci e cresci, e do preconceito da cultura anglo-saxã que sofri lavagem cerebral para adotar. É mais fácil repetir os padrões e atitudes raciais, especialmente aqueles de medo e preconceito, que herdamos, do que resistir a eles.

Como um sapato velho favorito que não serve mais, não largamos nosso velho e confortável eu para que o novo eu possa ser calçado. Tememos nosso poder, tememos nosso eu feminino, tememos a mulher forte dentro de nós, especialmente o aspecto escuro e maravilhoso da negra Kali. Assim, prestamos homenagem não ao poder dentro de nós, mas ao poder fora de nós, o poder masculino, o poder externo.

Vejo os povos e mulheres do Terceiro Mundo não como opressores, mas como cúmplices da opressão por transmitirmos inadvertidamente a nossos filhos e amigos as ideologias do opressor. Não posso descartar o papel que desempenho como cúmplice, que todos desempenhamos como cúmplices, pois não gritamos alto o suficiente em protesto.

A doença da impotência se desenvolve em meu corpo, não apenas na sociedade. E assim como o uso de luvas, máscaras e desinfetantes não consegue matar essa doença, subsídios do governo, programas para direitos iguais, assistência social e vale-alimentação não conseguem erradicar o racismo, o sexismo e a homofobia. E o tokenismo⁸ não é a resposta. Dividir a torta não vai funcionar. Eu dei uma mordida nela uma vez e quase me envenenou. Com mutações do vírus como essas, não se pode isolar o vírus e tratá-lo. Todo o organismo está envenenado.

Eu estou por trás de tudo o que ameaça nossa opressão. Eu estou por trás de tudo o que nos liberta de nossas amarras, exceto mata ou mutila. Eu estou ao lado de tudo aquilo e de quem quer que seja que nos tire de nossas visões limitadas e desperte nossos potenciais atrofiados.

Como me afastar da jornada infernal que a doença me fez passar, as noites alquímicas da alma. Membro rasgado por membro, esfaqueado, assaltado, espancado. Minha língua (espanhol) arrancada da minha boca, deixada sem voz. Meu nome foi roubado de mim. Meus intestinos fo-

didados com uma faca de cirurgião, útero e ovários jogados no lixo. Castrada. Separada da minha própria espécie, isolada. Meu sangue vital foi sugado de mim por conta de meu papel como nutridora — a última forma de canibalismo.

El Mundo Zurdo (O Mundo Canhoto⁹)

Acredito que, ao mudar a nós mesmos, mudamos o mundo, que viajar pelo caminho do *El Mundo Zurdo* é um movimento de mão dupla — um aprofundamento em si mesmo e uma expansão no mundo, uma recriação simultânea de si mesmo e uma reconstrução da sociedade. E, no entanto, estou confusa sobre como fazer isso.

Não posso ignorar que milhares vão para a cama com fome todas as noites. Os milhares que estão em um trabalho de merda, anestesiante, oito horas por dia, todos os dias de suas vidas. Os milhares que são espancados e mortos todos os dias. Milhões de mulheres que foram queimadas na fogueira, milhões que foram estupradas. Onde está a justiça para isso?

Não consigo conciliar a visão de uma criança espancada com a crença de que escolhamos o que nos acontece, de que criamos nosso próprio mundo. *Eu não consigo resolver isso* em mim mesma. Eu não sei. Só posso especular, tentar integrar as experiências que tive ou testemunhei e tentar entender por que violentamos uns aos outros. Resumindo, estou tentando criar uma religião não em algum lugar, mas nas minhas vísceras. Estou tentando fazer as pazes entre o que aconteceu comigo, o que o mundo é e o que deveria ser.

“*Enquanto eu crescia, eu me sentia um alienígena de outro planeta jogado no colo da minha mãe. Mas para qual propósito?*” A mistura de sangue e afinidades, ao invés de me confundir ou desequilibrar, me obrigou a alcançar uma espécie de equilíbrio. Ambas as culturas negam-me um lugar em *seu* universo. Entre eles e entre outros, construo meu próprio universo, *El Mundo Zurdo*. Eu pertenço a mim mesma e não a um povo.

Eu ando na corda bamba com facilidade e graça. Eu atravesso abismos. Com os olhos vendados no ar azul. A espada entre minhas coxas, a lâmina quente por conta da minha carne. Eu ando na corda — uma acrobata em equilíbrio, especialista no Ato de Equilíbrio.

O racional, o patriarcal e o heterossexual mantiveram influência e foram a moeda corrente por muito tempo. Mulheres do Terceiro Mundo, lésbicas, feministas e homens com orientação feminista de todas as cores estão criando laços e se unindo para corrigir esse equilíbrio. Somente *juntos* podemos ser uma força. Eu nos vejo como uma rede de espíritos ir-mãos, uma espécie de família.

Nós somos os grupos *queer*, as pessoas que não pertencem a lugar nenhum, nem ao mundo dominante, nem completamente a nossas respectivas culturas. Combinados, cobrimos tantas opressões. Mas a opressão avassaladora é o fato coletivo de que não nos encaixamos, e porque não nos encaixamos *nós somos uma ameaça*. Nem todos nós levamos as mesmas opressões, mas temos empatia e nos identificamos

com as opressões uns dos outros. Não temos a mesma ideologia, nem temos soluções semelhantes. Alguns de nós somos esquerdistas, alguns de nós praticantes de magia. Alguns de nós são os dois. Mas essas diferentes afinidades não se opõem. No *El Mundo Zurdo*, eu com minhas próprias afinidades e meu povo com as deles, podemos conviver e transformar o planeta.

[1] N.T.: “La Chingada” é um termo coloquial usado entre os mexicanos para se referir a um número variado de lugares e personalidades imaginárias. É considerada uma palavra pejorativa, às vezes substituída por eufemismos como Chihuahua, Chifosca ou La Fregada, entre outros. Pode ser traduzida como “puta” (EDUCALINGO, 2022).

[2] “La Muerte” ou a “Santa Muerte” é parte da religião popular do México. É representada por uma figura em forma de esqueleto que muitas vezes está segurando um globo, foice, ampuheta ou escamas. Os devotos pedem à Santa Muerte proteção em situações difíceis e assistência para garantir o amor, o sucesso econômico e a saúde (CAVEIRA MEXICANA, 2018).

[3] N.T.: No inglês, o termo “mojado” diz respeito aos imigrantes (mexicanos e latino-americanos, de um modo geral) que entram nos Estados Unidos atravessando o Rio Bravo (daí o nome “mojado”, “molhado” em português), à pé ou em carros (WIKCIONARIO, 2020).

[4] N.A.: De “A Woman Lies Buried Under Me.” N.T.: Do original: “A woman lies buried under me, / interred for centuries, presumed dead. / A woman lies buried under me. / I hear her soft whisper / the rasp of her parchment skin / fighting the folds of her shroud. / Her eyes are pierced by needles / her eyelids, two fluttering moths.”

[5] N.T.: Do original: “I’m not invincible, I tell you. My skin’s as fragile as a baby’s. I’m brittle bones and human, I tell you. I’m a broken arm. / You’re a razor’s edge, you tell me. Shock them shitless. Be the holocaust. Be the black Kali. Spit in their eye and never cry. Oh broken angel, throw away your cast, mend your wing. Be not a rock but a razor’s edge and burn with falling.” (Journal Entry, Summer Solstice, 1978).

[6] N.T.: “Preferência sexual” é uma expressão atualmente em desuso, sendo hoje adequadamente substituída por “orientação sexual”, pois sabe-se que uma pessoa não pode escolher conscientemente por quem terá uma atração afetiva e/ou sexual.

[7] N.T.: Kali é uma das principais deusas do hinduísmo. É associada à morte, à destruição e ao renascimento. Apresenta-se como esposa do deus Shiva, e às vezes é retratada dançando sobre ele ou portando facas e salpicada pelo sangue de suas vítimas (ECURED, 2022).

[8] N.T.: O tokenismo é uma inclusão simbólica que consiste em fazer concessões superficiais a grupos minoritários (negros, mulheres, pessoas LGBTQIA+, etc.). Seu significado vem da palavra “token”, que é “símbolo” em inglês. Um exemplo desse tipo de inclusão é quando uma organização ou projeto incorpora um número mínimo de membros de grupos minoritários somente para gerar uma sensação de diversidade ou igualdade (FOLTER, 2020).

[9] N.A.: Esta seção consiste das anotações de “Towards a Construction of El Mundo Zurdo”, um ensaio em andamento.

Macarrão e muita coisa

— Macarrotudo seria um nome muito melhor.

Me pegou desprevenido. Ideias “geniais” devem surgir todas assim. Aposto que foi dessa forma que os rusos lançaram Laika no espaço. “*E se a gente mandasse um cachorro para a lua?...*” e daí a corrida espacial.

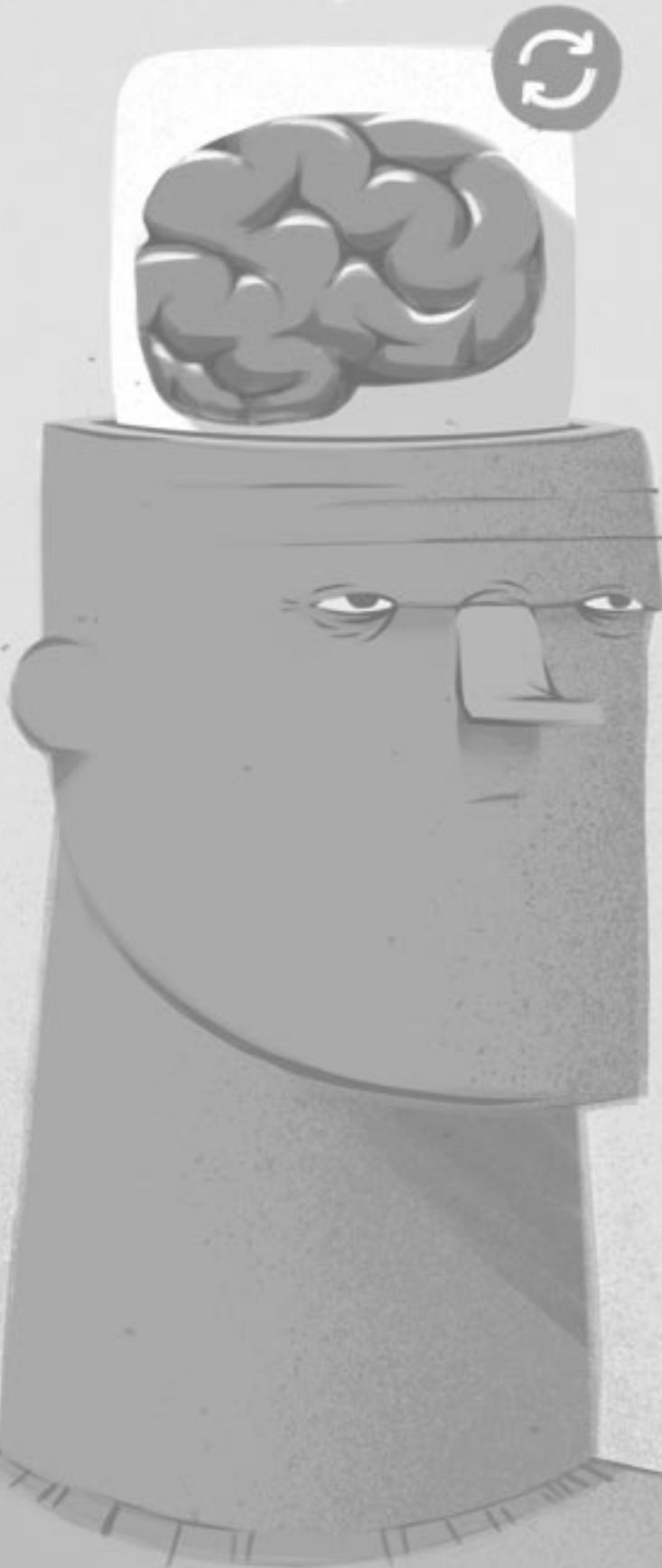
— Macarrotudo?

— É... — ela respondeu, agora incoerente. — Tipo, não faz sentido ser macarroNADA se a gente bota tanta coisa.

Ela tinha um ponto. Sócrates se inclinou no buraco da camada de ozônio para observar melhor o que conversávamos. O parto de ideias atingia seu auge naquele jardim. Imagine as consequências disso na formação das próximas gerações, no desenrolar das relações sociais, na diplomacia, na política, na economia...

De fato, o prato italiano foi uma referência, mas ele já não se adequava ao que criamos. Aos poucos, a coisa ganhou vida própria. Colocamos o macarrão em uma panela e ele gera um vórtice no espaço-tempo que suga absolutamente qualquer coisa que entra no caminho. Não surpreende que alguém encontre as chaves do carro nas sobras de uma macarronada de domingo.

Talvez eu devesse começar a chamar de macarrotudo, mas considero esse um passo deveras arriscado. As pessoas iriam começar a perguntar: “*Quê? Macarrotudo? Hahaha*”. Eu teria que explicar. E então: 1) a pessoa concorda comigo; ou 2) a pessoa discorda de mim. Não parece nada demais, mas analisemos com cuidado. A primeira pessoa concorda comigo, conseqüentemente ela começa a usar a palavra assim como eu. Ou na pior das hipóteses, ela apenas comenta com terceiros que eu usei a palavra. Para quantas pessoas ela pode contar isso de uma vez? Não importa. De qualquer forma, a coisa começa a se espalhar como um vírus. Grupos começam a se formar, polarizando opiniões, assim como *Direita x Esquerda*, *Capitalismo x Socialismo*, ou mais extremistas como *Biscoito x Bolacha*.



Suponho que os MacarroNADA seriam conservadores, ligados à origem do prato, enaltecedores da cultura italiana e defensores de sua gênese sem tirar nem pôr. Do lado oposto da trincheira, os MacarroTUDO seriam revolucionários, subversivos e desconhecedores de limites quando se trata de culinária. Conseqüentemente, haveriam mais divisões, subgrupos surgindo como vermes. Defensores da macarronada apenas com macarrão parafuso, macarronada sem carne moída, e por aí vai...

Haveria aqueles que buscariam renomear novos pratos. A pizza seria a primeira, por ser a mais confusa: é nítido que algo está muito errado quando a comida é redonda, mas é vendida em uma caixa quadrada e servida em fatias triangulares. Depois o cachorro-que, que nem é feito de cachorro! E o pastel viria em seguida. Tudo por causa do pastel de pizza. Como criaram um sabor feito de pizza, se pizza não tem um sabor fixo? Os nomes não servem mais. Os conceitos tornaram-se irregulares, insuficientes, irrelevantes.

Inconscientemente, essa garota no meu jardim havia dado início ao fim da raça humana, sem sequer perceber isso. Tantos grupos formados, divididos e subdivididos zilhões de vezes, todos com uma única coisa em comum: a crença de que sua forma de pensar é a correta.

Não duvido que uma guerra civil teria início. Crianças envolvidas em conflitos que nem entendiam direito, sangue sendo derramado nas calçadas e escorrendo para bueiros entupidos de lixo. Os governos divergindo nas decisões a serem tomadas. Italianos, estadunidenses, japoneses, chineses, árabes e outros governos de repente envolvidos em um conflito que teve início no Brasil e provavelmente terminaria com uma catástrofe nuclear e o fim da raça humana.

Tudo por causa de macarrão e muita coisa.

— Macarrotudo! — Ri baixinho. — Boa ideia. Faz um tweet sobre.

Manuscritos recusados

Todos sabemos que existem três certezas nessa vida: a morte, a abstenção alta e o escritor frustrado por seu manuscrito recusado. Certos de que é preciso perdoar e de que só se vive (e morre) uma vez, o **Jornal RelevO**, após contato com as principais editoras do Brasil, desconhecidas do público em geral — que tem mais o que fazer —, traz em primeira mão uma seleta de recusas que ora cativa, ora revolta, ora conduz ao linchamento injusto de seu respectivo editor, com quem via de regra nos compadecemos.

Guerra Frita: a balada que uniu o mundo

Ficção científica, 240 p.

Sinopse: Na União Soviética, é você quem conduz o DJ à virada — *da guerra*. Neste espetacular amontoado de clichês da “ficção especulativa”, o ser humano é muito malvado; as empresas são muito malvadas; o governo é muito malvado e a tecnologia, apesar do néon nas ruas, também — menos os pets, porque eles são *proibidos* de circular. Todavia, em plena Guerra Fria, um grupo de *hackers* descobre uma nova substância capaz de despertar o melhor nos mais variados povos — incluindo o carioca. A substância capaz de salvar o mundo, porém, depende do contato com sintetizadores, *drum machines* e *loops* em 150 BPM (e de um glossário, como 75% do livro). *Guerra Frita: a balada que uniu o mundo* infelizmente não será publicado: nosso mundo ainda não está pronto para as *verdades* que o romance revela.



Sósias: liga nacional de escritores

Não ficção, 300 p.

Sinopse: “*Eu sou a Virginia Woolf de Sorocaba, seu escroto*”, dispara Claudinha Ferraz, 34. Entre microrrivalidades irrelevantes, baixa adesão e jurados de moral dúbia (“votei na Clarice, né; você que leve o Machado pra casa”), o evento “Sósias: liga nacional de escritores”, realizado em agosto de 2022 num ginásio de basquete de Santo André-SP, ganha um livro-reportagem detalhado, específico e profundamente desinteressante, de capa mole e leitura dura. Com ampla cobertura da mídia especializada em literatura, de parentes que precisavam de dinheiro e daqueles que foram lá para trabalhar, o evento despertou a atenção de inúmeros jornalistas sarcásticos em busca da bizarrice perfeita, além de um setorista de fisiculturismo profissional, que apenas se perdeu mesmo. A seriedade da publicação, concretizada pelo selo do evento, em uma cobertura assaz chapa-branca, demove qualquer encantamento deste manuscrito. Não ajudou o fato de o mestre de cerimônia ser o sócio do Gabigol, nem a falácia de um dos organizadores — sutilmente apelidado de “Sigmund Fraude” — de que a publicação teria patrocínio do Google.

Estagiário dos Anéis

Fantasia, 800 p.

Sinopse: Porque ninguém nasce Senhor. Nesta *prequel à prequel* da televisão, acompanhamos toda a *verdadeira* saga de Frodo Smigol Harry Potter, que, impelido para ajudar sua comunidade em Nárnia, começa sua carreira como um mero office boy de orcs, goblins, góticos e elfos. Ao contrário da série televisiva — a mais cara da história —, este é o romance mais barato da civilização, tendo custado absolutamente nada, nem mão de obra. Até por isso, não apresenta condições de publicação. O gerador de texto que o criou é rústico e, ao contrário dos heroizinhos de *Estagiário dos Anéis*, desprovido de qualquer magia. Decepcionada com o que acreditava ser um “verdadeiro bacanal do domínio público”, a editora também alegou dificuldades de negociação com os detentores dos direitos da obra por conta da burocracia do CIEE, que havia promovido o romance.



Passarela Cabocla - O Roteiro

Bang-bang, 80 p.

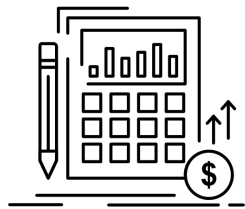
Sinopse: Em um colégio de Ensino Médio de uma região periférica de Curitiba, jovens violeiros disputam espaço com jovens sem violão. A passarela do colégio, que liga o Bloco A ao Bloco B, torna-se o epicentro de um drama sangrento que une (na verdade, afasta) uma dúzia de estudantes tocando Legião Urbana sem parar (em 2022...) e adolescentes cansados, já dispostos a adentrar o mundo da criminalidade pelo fim do martírio auditivo. A obra, com direitos autorais previamente descartados por todos os serviços de *streaming* existentes, está embargada na Justiça por conta da investigação de um assassinato motivado pela performance acústica de ‘Ana Julia’.



Guerra Frita 2: a Batalha do CrossFrite

Suspense/aeróbica, 145 p.

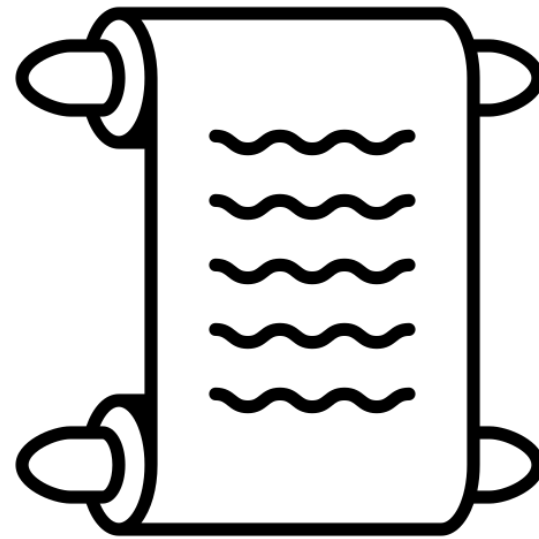
Sinopse: Baseado em fatos reais e no consumo de um pouco de drogas, esta sequência não encomendada de *Guerra Frita* se passa em Botucatu. Um agente infiltrado da KGB investiga a ascensão de um grupo político extremista cujo lema de campanha é “Coloca a culpa nas costas e agacha”. Depois de seis meses de investigação na feira local, no único complexo esportivo da cidade e em mais seis academias, Dimitri Svetlana Nenêca descobre uma intrigante trama envolvendo DJs e adeptos de certa seita de treino intensivo com marca registrada em busca de domínio do território local. O argumento de *A Batalha do CrossFrite*, idealizado por um grupo de fãs de anime, de Segunda Guerra Mundial e do produtor musical Skrillex, se passaria em um sítio da região, mas, pelas dificuldades de acesso de pessoas e pneus agrícolas, além da ausência de energia elétrica, os escritores não conseguiram completar a trama ou mesmo justificar por que algum grupo extremista reivindicaria o domínio de Botucatu. Leitores beta do projeto alegaram problemas de verossimilhança (já que nem a primeira parte foi publicada) e de importância. “Não, não, por favor, não!”, cravou o notável crítico finlandês Charles Frildapoha.



Lei Rolanê - Edição de Colecionador

Verborragia acadêmica, 120 p.

Sinopse: Um grupo de talentosos artistas liderado pelo doutor (em Teatro) Dan Browser se une para obrigar o governo a proibir a participação de inteligências artificiais em concursos artísticos patrocinados com dinheiro público. O que eles jamais imaginariam é que o Congresso do país seria, na verdade, um imenso robô a serviço de um algoritmo poderoso com o intuito máximo de decretar o fim dos artistas no planeta Terra. O que tirar disso? O audacioso projeto – dissertação de filosofia, teatro, geopolítica e sociologia lida apenas pelo autor-marmanjo e, talvez, por seu orientador – vem encontrando diversas barreiras extratextuais. Um desafio para a obra sair do papel tem sido o alto custo de impressão e as consequentes dificuldades de execução — *Lei Rolanê* seria o primeiro livro do mundo com uma capa-instalação. Outro empecilho toca em algo geralmente irrelevante no meio literário: direitos autorais. Assim, o primeiro livro produzido por um coletivo de coletivos literários vive uma crise na aprovação das etapas de trabalho por simples falta de consenso. Contudo, o que realmente deve comprometer a realização do projeto é o desemprego do líder Dan Browser, que jura que merece ser *valorizado* porque defendeu uma dissertação com análise psicanalítica de um clipe do Kanye West – e ganhou um diploma por isso. *Lei Rolanê - Edição de Colecionador* ainda previa, naturalmente, que o autor exibisse sua manjuba no espetáculo de lançamento.



César Late!: o Cão-Pesquisador

Infantojuvenil, 60 p.

Sinopse: Da união de um bolsista CAPES com o ilustrador Zirolho saiu uma das ideias mais cretinas e ultrajantes da história da literatura ocidental — à frente de *KamaSupla*, a versão audiolivro odiosa e porn-sustentável do clássico indiano, com sotaque da família Matarazzo. Mesmo com apelo pedagógico (ou talvez por isso) e direcionado ao público de 11 a 14 anos, *César Late!* consegue a proeza de irritar jovens, pesquisadores e lideranças da causa animal, o que até seria um mérito se o leitor se destituísse de seriedade, mas se mostra um tremendo fracasso quando o assunto é entretenimento mínimo. Ao longo de 60 páginas de puro tédio e literatura de caixotinho, nos deparamos com um pinscher alucinado farejando artigos para enriquecer o currículo e ensinando jovens a pensar fora da caixa (nas normas da ABNT). Na página 37 – cuja leitura o editor Luiz Schweinsteiger considera o momento mais detestável de sua vida depois de ser agredido na FLIP –, o pinscher-protagonista se torna bípede e começa a recitar uma passagem do divertido *O Guarani*, de José de Alencar, relembrando a encantadora obra que o futuro vestibulando poderá ser obrigado a ler. O original conseguiu a duvidosa façanha de ser reprovado pelo Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar), que, em uma manifestação pioneira, respondeu ao requerimento latindo.

Era Uma Vez na América

Noodles, I slipped!

Não se pode chamar de subestimado, afinal se trata de um filme de **Sergio Leone**, mas *Era Uma Vez na América* (1984) decerto é menos lembrado que outras grandes obras do diretor italiano – e menos lembrado do que merece.

- Talvez porque o filme não seja um *western*, gênero ao qual Leone ficou tão associado.
- Talvez porque seja seu último longa-metragem, com grande distância em relação ao anterior (13 anos para *Giù la testa/Duck, You Sucker!*).
- Talvez por conta de seu lançamento confuso, com uma versão reduzida nos Estados Unidos, capaz de prejudicar a recepção imediata da película (e sua arrecadação).
- Talvez porque sua versão consagrada tenha 229 minutos (3 horas e 49 minutos), o que intimida um tanto – mas vale cada segundo.

Era Uma Vez na América é um pináculo do cinema, sem mais nem menos. Ao longo de suas quase quatro horas, acompanhamos a trajetória de Noodles (**Roberto De Niro**) e Max (**James Woods**) representada de forma hipnotizante. A dupla lidera uma gangue juvenil cujo contexto tem a **Lei Seca** dos Estados Unidos (1920-1933) como ponto central.

A partir disso, assistimos a uma narrativa que desenvolve esses personagens por décadas, de 1918 até o fim da década de 1960, fragmentando a história de forma não linear e pincelando-a por cenas de um capricho etéreo.

Testemunhamos a ação do tempo, a degradação e a amargura através de cenários oníricos e transições de cenas coreografadas por um gênio, pois tamanha clarividência e tamanha técnica pertencem apenas ao gênio. *Era Uma Vez na América* redimensiona o que essa arte é capaz de proporcionar.

O filme é brutal e delicado; singelo e complexo; claro e ambíguo. Muitos adjetivos (que nada dizem), infelizmente, mas Sergio Leone criou algo digno de tal êxtase – com mais uma trilha sonora primorosa de **Ennio Morricone** e cinematografia de **Tonino Delli Colli**.

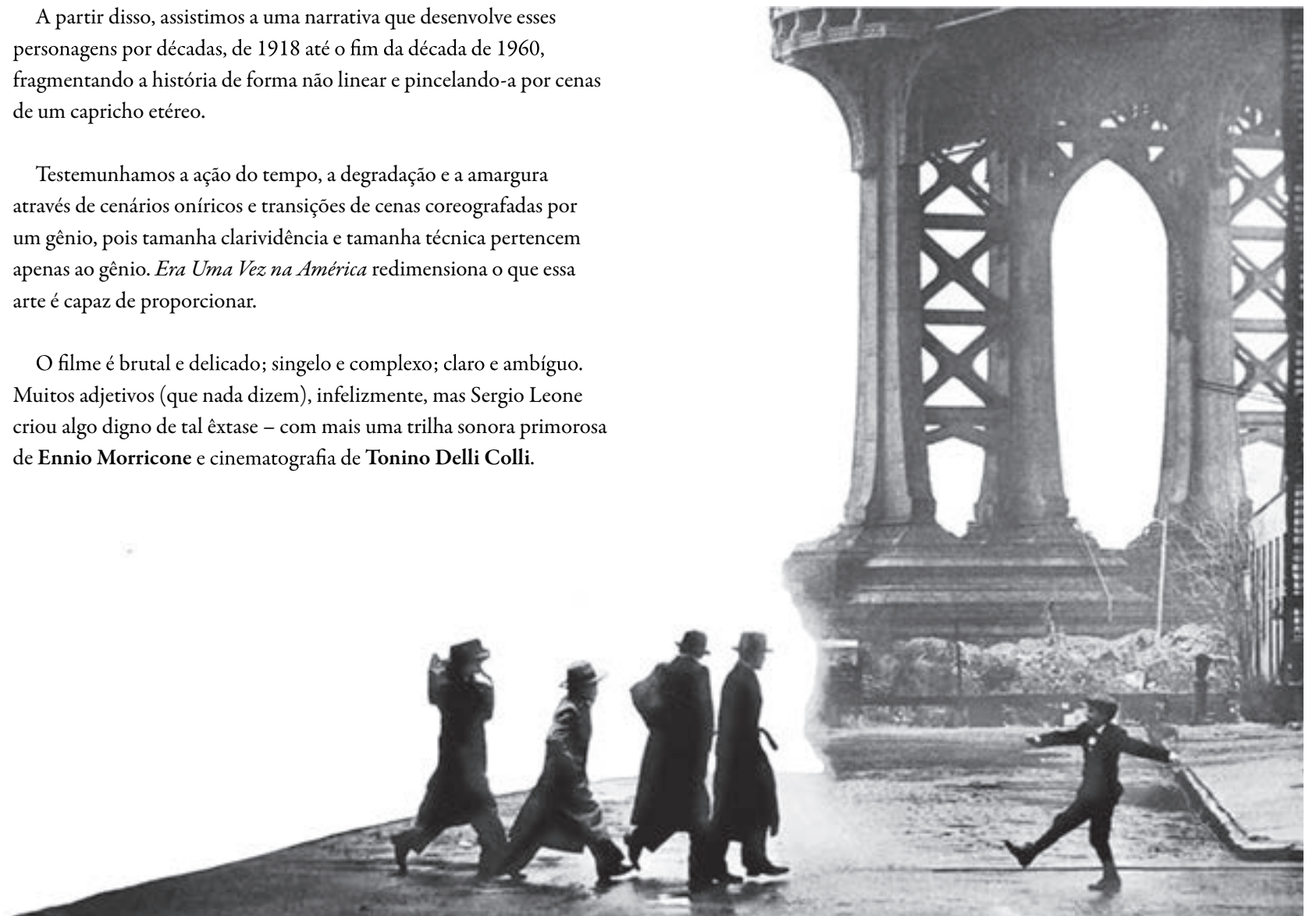
Há cenas que espectador algum esquece – quem viu sabe exatamente quais –, mas tratar delas pode atrapalhar a experiência de curiosos. Nosso maior intuito é incentivar o contato com essa obra-prima de densidade narrativa, psicológica, visual e sonora. Por hoje é só: reassistindo, seguimos pasmos.

- Ao fechamento desta edição, *Era Uma Vez na América* está disponível no Prime Video, que não financiou este texto.
- Uma possibilidade é dividir o filme em dois, assistindo à primeira parte, até 2h40min; depois disso, até o fim (cerca de 1h10min). Outra é serializá-la em seis partes. Segue sugestão: 1 (até 38 min); 2 (até 1h29min); 3 (até 2h03min); 4 (até 2h40min); 5 (até 3h12min) e 6 (até o fim).

E N C L A V E

a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>



TIM DOM DOM

João Mello — Codó
 1963

Tim Dom Dom foi apresentado em 1963 por Carlos Lacerda, em seu álbum *Um Piano da Bahia*; ou Leda Soares, em seu EP autointitulado; ou Jorge Ben, em seu álbum de estreia, *Samba Esquema Novo*; ou talvez por Lauro Paiva, em seu álbum *Tim... Dom... Dom... Num Órgão Moderno com Lauro Paiva*. A ordem exata das gravações e de seus lançamentos não é clara, assim como para a gravação do próprio Codó, em seu álbum *Alma do Mar – O Vio-*



celente saxofonista barítono que ainda não foi identificado.

Sérgio Mendes gravou *Tim Dom Dom* em seu álbum de estreia nos Estados Unidos, *Brasil '66*, produzido por Herb Alpert e com vocais de Lani Hall e Janis Hansen. Trata-se do disco que impulsionou sua carreira internacional com o sucesso de sua versão de *Mas Que Nada*, de Jorge Ben.

Talvez a versão mais famosa tenha sido gravada por Jorge Ben em



de Codó é um solo de violão acompanhado, os pianistas João Donato e Carlos Lacerda ofereceram interpretações mais jazzísticas – este último deu à canção cordas adicionais para acompanhar sua vívida interpretação.

Os Intocáveis, um daqueles grupos obscuros que lançaram apenas um álbum – no qual os músicos não foram nomeados devido a obrigações contratuais –, tocaram sua interpretação suingada com um ex-



lão de Codó, que às vezes aponta 1963 como ano de lançamento, embora o número de catálogo indique 1964, já que a Polydor costuma fazer lançamentos cronologicamente numerados.

Apesar de ser uma canção animada e cativante, *Tim Dom Dom* teve apenas um breve sucesso em seu tempo antes de ser finalmente redescoberta com novas gravações em 1997.

Enquanto a própria apresentação

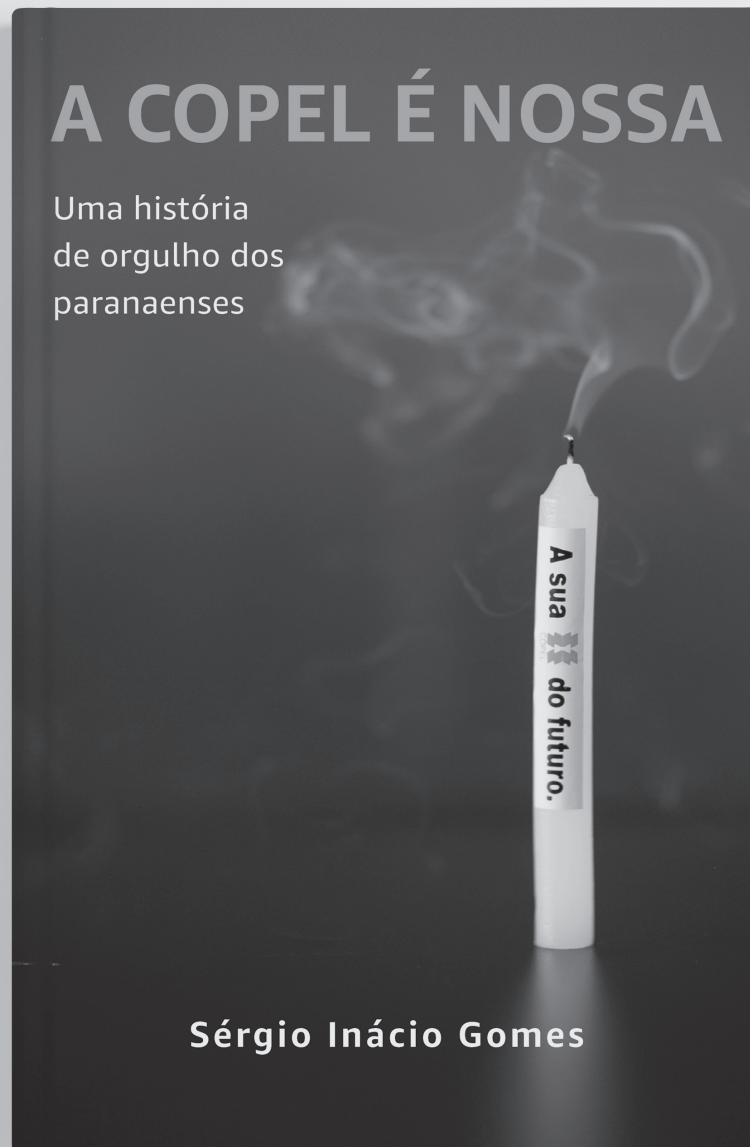


seu álbum de estreia, *Samba Esquema Novo*, utilizando *Tim Dom Dom* como um meio muito adequado para seu estilo vocal, apoiado pela banda de Carlos Monteiro de Souza. O próprio maestro Monteiro de Souza foi o último a gravar *Tim Dom Dom* em seu apogeu, com uma interpretação contemporânea em seu álbum de dança *Pra Frente*.



RelevO apresenta **Brazilliance**:
 a música do mês para o conhecedor sofisticado!
 Ouça as gravações por meio do código
 QR ou conheça a canção nº 11 no
BRAZILLIANCE.wordpress.com





A COPEL É NOSSA

Mais do que conhecer um capítulo da história, o livro “A Copel é Nossa” traz reflexões sobre a empresa de energia paranaense de ontem e de hoje. Também questionamos até que ponto as demais empresas do setor energético, assim como de todo tipo de patrimônio público do Brasil são, de fato, pertencentes ao seu povo. Empresas essas pelas quais tantos lutaram no passado.

Este é um livro fundamental porque recupera o cenário político, social e econômico da época e como a população e mais de 100 entidades conseguiram evitar a privatização. Aborda ainda o projeto de iniciativa popular encaminhado para a Assembleia Legislativa do Estado do Paraná sobre o tema. A obra, segundo seu autor, pode se caracterizar como um verdadeiro manual de participação popular, organização social e defesa das estatais.

Em oito capítulos, “A Copel é Nossa” aborda tanto aquele período quanto duas décadas posteriores da maior empresa do Paraná.

Esperamos que, com este livro, seja possível resgatar a história e passar às novas gerações a importância da mobilização social para que as ações dos governantes reflitam os interesses populares.

Aponte a câmera para o QR Code



<https://www.senge-pr.org.br/livro-copel/>

INFORME PUBLICITÁRIO

ENTREVISTA ESPECIAL SÉRGIO INÁCIO

A Copel é nossa?

Mais do que conhecer um capítulo da história, o livro *A Copel é Nossa* traz reflexões sobre a empresa de energia paranaense de ontem e de hoje e, junto com ela, todas as demais empresas do setor energético. Nesta entrevista especial, Sérgio Inácio Gomes, engenheiro eletricitista e foi diretor do Senge-PR, é dirigente do Sindiedutec e professor, conta porque, em sua visão, a luta contra a privatização talvez tenha sido o fato mais relevante de nossa história, pelo menos sob o ponto de vista acadêmico, moral e político dos movimentos sociais”.

O nome do seu livro é *A Copel é Nossa* e destaca uma vela. De onde partiu essa referência e com qual objetivo?

Sérgio Inácio: No início de agosto de 2001, o Sindicato dos Engenheiros distribuiu 10 mil velas ao público em manifestações na Boca Maldita, iguais a essa da capa do livro. Era um ato simbólico para alertar a sociedade ao risco de apagões que adviriam da crise vigente, fruto das privatizações e da falta de investimentos adequados. Nas galerias da Assembleia Legislativa, o público presente portava velas acesas por ocasião da votação do primeiro e único projeto de lei de iniciativa popular de nossa história, o PLP 248/2001. Os meses seguintes foram marcados pelo maior racionamento de energia elétrica dos últimos 50 anos. Essa vela da capa do livro foi uma filha única, que ficou guardada numa gaveta, remanescente daquele importante ato simbólico da nossa campanha de alerta em 2001.

Quando nasceu a ideia de escrever o livro e quanto tempo levou para reunir documentos e “colocar a mão na massa”?

Sérgio Inácio: Sempre tive a intenção de escrever o livro. Em 2005, comecei a escrever, mas meus relatos

foram perdidos por um ataque de vírus, porém a intenção se manteve e re-tomei os relatos em 2021 diante da crise hídrica que o país enfrentava, sendo o Brasil o vice-campeão mundial em tarifas altas. Meu objetivo com esse livro é resgatar muitas informações do processo de mobilização popular contra a venda da Copel, que não foram organizadas na forma de uma literatura para o próprio relato histórico daqueles acontecimentos.

O Sérgio Inácio que escreveu este livro é a mesma pessoa que participou das mobilizações contra a venda da Copel?

Sérgio Inácio: Sim. Essa obra é uma narrativa sob a ótica de quem foi participante ativo e testemunha ocular de importantes momentos de nossa história. Com esse livro documentário, fazemos o relato da mobilização pela resistência das entidades profissionais, articulados pelo Fórum Popular Contra a Venda da Copel juntamente com os diversos segmentos representativos da sociedade e de movimentos sociais em geral.

Este é o seu primeiro livro? Ele tem uma característica de ser documental. Portanto, uma das exigências é lidar com a verdade dos fatos. Como ela aparece em meio as versões que você expõe?

Sérgio Inácio: É o meu primeiro livro. Sem dúvida, nossa intenção é trabalhar com dados e fatos comprováveis, sem afirmações insustentáveis. Com esse objetivo o livro resgata e apresenta documentos da ocasião, publicações, planilhas, fotos, registros de diversas formas, bem como resgata e narra a sequência de fatos, reuniões, eventos e conversações, que ocorreram no âmbito da construção de grande consenso político que resultou num amplo entendimento popular de que a privatização da Copel traria um grande e irreparável prejuízo para o Paraná.

Você considera sua obra um material jornalístico e por quê?

Sérgio Inácio: Meu trabalho não é um material jornalístico. O material jornalístico normalmente supõe uma certa neutralidade em relação ao tema do qual reporta, enquanto meu relato é a narrativa de quem, além de ser participante, tem, como sempre teve, posicionamento bem definido sobre o processo de privatização de uma grande empresa. No livro, meu objetivo é despertar o interesse para mergulhar comigo num passeio histórico, cheio de emoções, apreensões e revelações, que são compartilhados com o leitor.

Em seu livro, qual é o público e quem não é seu público?

Sérgio Inácio: O público alvo são os estudantes. Não por outro motivo, o livro apresenta uma dedicatória inicial aos estudantes, pois foram esses os protagonistas simbólicos principais no processo de resistência contra a privatização da Copel. Para mim, estudantes, diferentemente de alunos, são dotados de muita “luz própria”, que, quando encorajadas, transformam sua lucidez em atitudes. Por outro lado, quem “não” é o público alvo desse livro: quem está satisfeito com seu nível de entendimento sobre o tema das privatizações e não está disposto a refletir sobre os fundamentos de suas convicções.

Além do registro histórico, *A Copel é Nossa* ainda aborda duas décadas da maior empresa do Paraná e as transformações no negócio. Por que você escolheu avaliar essa conjuntura?

Sérgio Inácio: A conjuntura atual do setor energético brasileiro, e a Copel não é exceção à regra, é caracterizada pelas tarifas de energia elétrica e dos combustíveis em geral situado em patamares estratosféricos insustentáveis pelo povo brasileiro e, voltados fundamentalmente a oferecer grandes e extraordinários lucros e dividendos

aos “sócios” especuladores. No caso da Copel, nominamos quais são os principais fundos de capitalização (quase todos americanos), que se apropriam de 70% dos benefícios econômicos da empresa com a distribuição de lucros e dividendos da companhia e isso precisa ser compreendido pelo povo paranaense e brasileiro. A Copel não é um caso único.

Gostaria que você comentasse esse trecho de um poema de José Saramago: “privatizem-se os Estados, entregue-se por uma vez a exploração deles a empresas privadas e, já agora, privatize-se também a puta que os pariu a todos”.

Sérgio Inácio: É compreensível como um “desabafo” poético. Entendo que “a puta que os pariu” não será privatizada. Podemos ter certeza disso. As privatizações são receitas para os países do Terceiro Mundo, não do Primeiro Mundo. Os processos de privatizações são uma política emanada pelo chamado Consenso de Washington, que aconteceu em 1989 dentro de uma macro geopolítica energética, que é, poeticamente, a “puta” que o gerou com um objetivo único e que, de forma geral, já foi satisfeito, qual seria o de se “apropriar” de grandes e importantes patrimônios públicos que foram construídos pelo povo brasileiro.

Por fim, por que as pessoas devem ter em sua biblioteca um exemplar de *A Copel é Nossa*?

Sérgio Inácio: Eu gostaria mesmo é de que as pessoas lessem, refletissem e compartilhassem essa bela história que foi construída pelo nosso povo, que precisa ser resgatada, compreendida, ensinada e articulada ao processo de construção de cidadania ativa. Precisamos questionar e refletir até que ponto uma empresa criada por um povo, pela qual tantos lutaram no passado, é de verdade, hoje, pertencente a esse mesmo povo. A Copel que o diga.

Desde a edição de junho, o **RelevO** republica artigos do projeto Escamandro (escamandro.wordpress.com), dedicado à poesia, crítica e tradução literária. O coletivo recentemente encerrou suas atividades de mais de dez anos.

Rachel Hadas

Tradução de Rodrigo Gonçalves

Rachel Hadas é autora de mais de 20 livros de poesia, ensaios e traduções. *Poems for Camilla* foi publicado em 2018 pela Measure Press, que lançou *Love and dread* em 2020. Uma coleção de seleções de prosa, *Piece by piece*, foi publicada por Paul Dry Books em 2021. Rachel Hadas é Board of Governors Professor of English na Rutgers University-Newark, Nova Jersey, nos Estados Unidos, onde leciona há muitos anos.

The Source of Thoughts

*Nisus ait: 'Dine hunc ardorem mentibus addunt,
Euryale, an sua cuique deus fit dira cupido?'*
— Aeneid IX. 184-5

Tell me, do the gods implant
this ardor in our minds — is it an add-on?
Or flip it: maybe we ourselves
attribute to the gods
our hearts' dear direst wishes?
Or take it one step further: could it be
that what we wish becomes a god to us?
Do things work outside in or inside out?
Top down or bottom up?
The passage I have fixed on — did it fly
from some high dusty shelf, some mottled page
straight into my mind
or did I rather, happening to revisit
the second half of the Aeneid
for the first time in more than fifty years
pluck the waiting words
fresh from the page like immemorial fruit?
Or (on the third hand) did my own
fears and wishes conjure up the passage?
Oh my beloved, where do thoughts come from?

A fonte do pensamento

*Nisus ait: 'Dine hunc ardorem mentibus addunt,
Euryale, an sua cuique deus fit dira cupido?'*
— Aeneid IX. 184-5

Me diz, os deuses é que implantam
esse ardor na nossa mente — é um add-on?
Ou inverte: talvez nós mesmos
atribuímos aos deuses
os desejos mais selvagens dos nossos peitos?
Ou mais longe ainda: poderia ser
que o que desejamos vira um deus pra nós?
As coisas funcionam de fora pra dentro ou vice versa?
Top down ou bottom up?
A passagem em que eu me fixei – ela voou
de alguma prateleira empoeirada, a página manchada
direto pra minha mente
ou por acaso eu, ao visitar
a segunda metade da Eneida
pela primeira vez em mais de cinquenta anos
colhi as palavras que esperavam
frescas na página como frutos imemoriais?
Ou (terceira margem) foram meus próprios
medos e desejos que conjuraram a passagem?
Oh, meu amado, de onde vêm os pensamentos?



Painted Full of Tongues

*fama, malum qua non aliud velocius ullum:
mobilitate viget virisque adquirit eundo,
parva metu primo, mox sese attollit in auras
ingrediturque solo et caput inter nubile condit
monstrum horrendum, ingens, cui tot sunt corpore plumae,
tot vigiles oculi subter (mirabile dictu),
tot linguae, totidem ora sonant, tot subrigit auris.
Nocte volat caeli medio terraeque per umbram
stridens, nec dulci declinat lumina somno;
luce sedet custos aut summi culmine tecti
turribus aut altis, et magnas territat urbes,
tam ficti pravi que tenax quam nuntia veri
Haec tum multiplici populis sermone replebat
gaudens, et pariter facta atque infecta canebat...*
— Aeneid IV. 174-90

Fast-moving Rumor, growing as he goes,
timid and small at first, gains strength in motion
until he bumps his head against the clouds.
Swiftest of evils, flitting through the night,
Rumor never shuts his countless eyes.
He has as many eyes, tongues, ears as feathers;
flies, watches, talks, and listens all at once,
incessantly. He's everywhere. He's growing.
Broadcasting dappled bulletins all day
from a high tower, filling people's minds
with bubbling streams of babble
where true and false inextricably blend,
panicking whole cities, full of glee,
gigantic, disembodied, all hot air,
he goes about his tasks: unmaking meaning
and sowing terror. He can't be controlled
or ignored, he doesn't stop, relentless.
Nor do his crowds of lackeys ever sleep.
Pariter facta atque infecta — reportage
in a steady stream. He never tires.
We are tired. What should we believe?
Fear, confusion, anger — all exhausting.
Crouching in his tower, he pouts and glowers,
angry and happy, happy to be angry,
and keeps on putting forth a froth of words
true and false mixed — but falsehood trumps the truth.
Virgil's Fama is female. Not this time.

Pintado cheio de línguas

*Nem ha contagio mais veloz que a Fama.
Mobil vigora, e fôrça adquire andando: 195
Tímida e fraca, eis se remonta ás auras;
No chão caminha, e a frente ennubla e esconde.
Da ira dos deuses Terra mãe picada,
Posthuma a Celo e Encelado, he constante,
De pés leve engendrou-a e de azas lestes: 200
Horrendo monstro ingente, que, oh prodígio!
No corpo quantas plumas tem, com tantos
Olhos por baixo véla, tantas linguas,
Tantas bôcas lhe soam, tende e alerta
Ouvidos tantos. Pelo céu de noite 205
Revoa, e ruge na terrena sombra,
Nem os lumes declina ao meigo somno:
De dia, em celsa tórre ou summo alçar,
Sentada espia e as capitaes aterra;
Do falso e ruim tenaz, do vero nuncia. 210
Vária e palreira então com gaudío os povos
Aturde, e o feito e por fazer pregoa:
(Eneida, IV, 174-90, Trad. Odorico Mendes)*

Mais rápido entre os males, voando pela noite,
o Rumor nunca fecha os inúmeros olhos.
Tem mesmo tanto de olho, língua, orelha e pena;
ao mesmo tempo voa, espreita, fala e escuta,
sem cessar. Ele está por todo lado. E cresce.
Transmite o dia todo boletins manchados
de cima da alta torre, enchendo as nossas mentes
de um fluxo borbulhante blablabla
no qual o vero e o falso se imiscuem com força,
em gozo, põe cidades inteiras em pânico,
gigante e incorpóreo, inteiro ele é ar quente,
persegue suas tarefas: desfazer sentidos
e semear terror. Ninguém mais o controla
ou ignora, ele é imparável, implacável.
Também não dorme nunca o seu rebanho, gado.
Pariter facta atque infecta — reportagem
em fluxo estável. Ele nunca está cansado.
Nós estamos. Em que se pode acreditar?
Medo, confusão, raiva — tudo nos exaure.
Enfurnado na torre, beicinho, brabinho,
tem raiva e está feliz, feliz de estar com raiva,
e segue, escarra esturro, espuma de palavras,
verdades e mentiras mistas: ganha a trampa.
Fama é feminino em Virgílio. Agora não.

The Mothers on the Wall

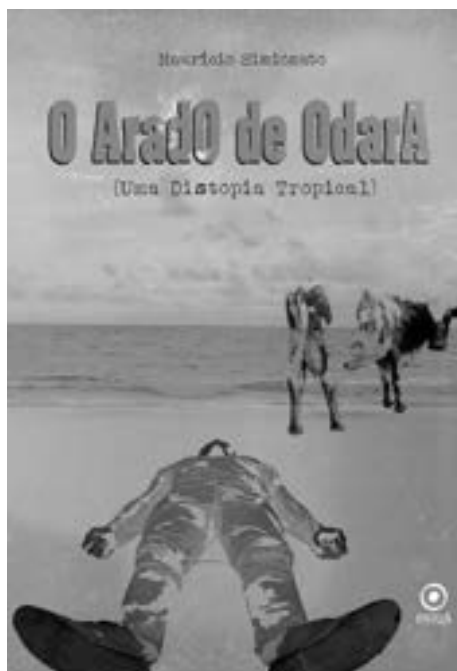
*stant pavidae in muris matres oculisque sequuntur
pulveream nubem et fulgentes aere catervas*
Aeneid VIII. 590-1

The fearful mothers standing on the wall,
the cloud of dust they follow with their eyes:
millennia pass, and nothing's changed at all
of our self-inflicted miseries.
Young men stamping; clouds of dust their feet
Stir up; the gleaming weapons and the heat —
the women, poised and fearful, gazing down
as the squadron marches out of town,
keep following its progress even when
nothing is left to see of all the men,
horses, lances, banners. Only air
trembles and registers that they were there:
dust devils, horse manure blown on the wind,
a fume of sweat are all that's left behind.
Nothing more; the life has passed. But still,
Stricken, the mothers stare down from the wall.

As mães na muralha

*stant pavidae in muris matres oculisque sequuntur
pulveream nubem et fulgentes aere catervas*
Aeneid VIII. 590-1

As mães, com medo, no alto da muralha,
com os olhos seguem as nuvens de poeira:
milênios passam, nada nunca calha
mitigar nossa autoimposta miséria.
As nuvens de poeira aos pés batidas
dos jovens; o calor, armas polidas —
as mulheres, tremendo, olhando abaixo
enquanto o esquadrão se põe em marcha,
saindo da cidade, o seu progresso
perseguem até que, enfim, desaparecem
insígnias, lanças e cavalos; só
o ar registra, trêmulo, com pó
em remoinho, esterco, e mais, no vento,
a névoa de suor: tudo que resta.
E nada mais; passou a vida, olham
as mães, feridas, do alto da muralha.



"O Arado de Odara, arrisco dizer, propõe-se a realizar um manifesto sócio-político-poético da atualidade. Maurício Simionato assopra a poeira do mundo por meio do verbo, com o olhar sensível aos detalhes presos nos fenômenos e nos acontecimentos atuais. Cada frame dessa distopia está catalogado, entrecruzado à musicalidade das movimentações - corpóreas e de pensamento - do homem"

Amanda Vital,
Poeta e editora

Maurício Simionato é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesias "impermanência" (2012, selecionado pela Secretaria de Cultura de Campinas) e "Sobre Auroras e Crepúsculos" (2017, Multifoco), este último lançado na Bienal de Literatura do Rio/2017

O Arado de Odara, de Maurício Simionato, equivale a um passeio pelas várias possibilidades e modos de expressão da poesia contemporânea brasileira; em especial, daquela realizada pelos novos autores que aliam a inquietação, o inconformismo em face da "distopia tropical", à intensa sensibilidade lírica.

Claudio Willer



Pedro Nildo Rocha

Agustina Velasco



Éramos poucos e tínhamos cheiro de barro quando Deus criou Pedro Nildo Rocha. Deus lhe colocou esse nome para que ninguém o esquecesse.

Desde que Deus olha para baixo, Pedro Nildo Rocha tem sido um dos homens mais sábios porque viveu com loucura e porque também dormiu muito. Quando ajudou Adão a nomear os bichos, um passarinho lhe perguntou por que ele era tão feliz. Pedro Nildo, humilde e manso, disse que era porque era louco e porque mantinha uma boa rotina.

Hoje, Pedro Nildo Rocha me apareceu na recepção do hotel, esquelético, com o cabelo repartido ao meio, nu de barba e de defesas. Antes de sair para fumar, contou a história do passarinho.

— Qual é essa rotina tão boa que leva? — pergunto.

— Vou trabalhar, depois volto, tomo banho e ligo pra minha mulher. Ela diz que já fez a lista dos materiais escolares das crianças e que amanhã tenho que mandar R\$ 900 para que ela possa fazer a compra. Então, como sei que vou dormir pouco pensando nos R\$ 900, venho fumar.

E como não pode dormir nem fumar, pois lá fora chove, ele questiona:

— Seria muito incômodo se eu fico pra conversar com vocês?

Nós respondemos que estaríamos encantados.

Pedro Nildo sempre foi autodidata. Aprendeu a ser filho, pai e avô sozinho, aprendeu inglês e espanhol assistindo tevê. Estudou carpintaria, fez três cursos no SENAI e, para demonstrar a um parente que ele tinha

capacidade, leu mais de dez livros de filosofia em um mês e meio.

— Eu sou doido, viu?! Começo as coisas e não acabo. Agora ando aí, com um milhão de anos nas costas. Faz tempo que tô tentando morrer e não consigo.

Lembro que contou que há anos tenta ver, mas desde que Moisés o obrigou a ler as tábuas da lei no pé da montanha, Pedro Nildo sofre de uma vesgueira incômoda. A distância entre o cume e a base da montanha era de dois mil metros; a cegueira parcial estava justificada. Agora, vê os homens como um mar de nuvens cinzentas que estão o dia inteiro ameaçando se derramar e chover e chorar, pequenos pontinhos de fumaça que, de duas, uma: ou intoxicam ou incendeiam.

Uma vez, Josué pediu para que Pedro Nildo subisse um muro e fosse ver uma prostituta dentro da cidade proibida. Enquanto subia, a corda de pano se rompeu e Pedro Nildo se estraçalhou no chão de pedra. Sua coluna ficou feito um S espantoso e um dos pés andou para atrás. Para Pedro Nildo, nada nunca havia sido tão doloroso quanto ouvir do enfermeiro que, devido à fratura na coluna, ele ficaria manco. Pedro Nildo ficou frustrado: andar cambaleante não apaixona nem delira as moças. Quase quatro mil anos depois, Pedro Nildo teve uma segunda dor, talvez mais intensa do que a primeira. Um doutor de vinte e poucos, recém-saído da graduação, lhe disse que já não poderia jogar futebol. Ele não gostava de futebol. Gostava de sair de casa e ter um lugar para onde ir. Pedro Nildo nasceu e viverá eternamente

na terra, mas ainda se sente forasteiro, como se a casa não fosse sua.

Pedro Nildo tinha cara de menino em 1873. Estudava no Colégio Cristo Rei, na região que viria a se tornar o Rio. Ali, o padre José Maria perguntou:

— Qual é a coisa mais justa que Deus criou?

Ele se mexeu para pegar um lápis que havia caído e o padre entendeu que Pedro Nildo tinha todas as respostas.

—Tu, diga-me: qual é a coisa mais justa que Deus criou?

Pedro sinalizou:

— A morte.

O padre silenciou, ansiava saber o motivo da resposta.

— Porque os maus, quando morrem, já não podem cometer maldades. E, os bons, quando morrem, já não podem sofrer injustiças.

Nos anos 1980, Pedro Nildo fazia ginástica aeróbica. Escolheu o exercício porque havia algo incompreensível na sensação de usar shorts tipo legging. Talvez um aperto mágico na região privada, uma espécie de fronteira plástica que dividia a virilha do mundo. Assim conheceu Alda. Houve uma atração mútua, unidos pelas leggings coloridas. Ela pulava de um jeito frenético na mini cama elástica e tudo no seu corpo se mantinha intacto, inalcançável, na distância de um milhão e meio de anos-luz das mãos de Nildo. A primeira briga aconteceu quando ela perguntou o porquê de ele ter escolhido a ginástica aeróbica.

— É que eu gosto de usar shorts tipo legging.

Alda não entendeu esse dado. Ficou pensando que não era verdade esse gosto pelo short legging, que essa era uma justificativa frouxa para esconder o desejo de observar outras mulheres usando o apetrecho.

— Talvez fosse verdade — informa enquanto narra esta história —, mas eu realmente gostava da pressão da calça.

Pedro olha para mim, interessado. Ele vê uma nuvem cinzenta. Então pede:

— Defina a palavra surpresa.

— Algo inesperado?

— Se é algo inesperado, por que ficamos ansiosos pela surpresa?

— Não sei...

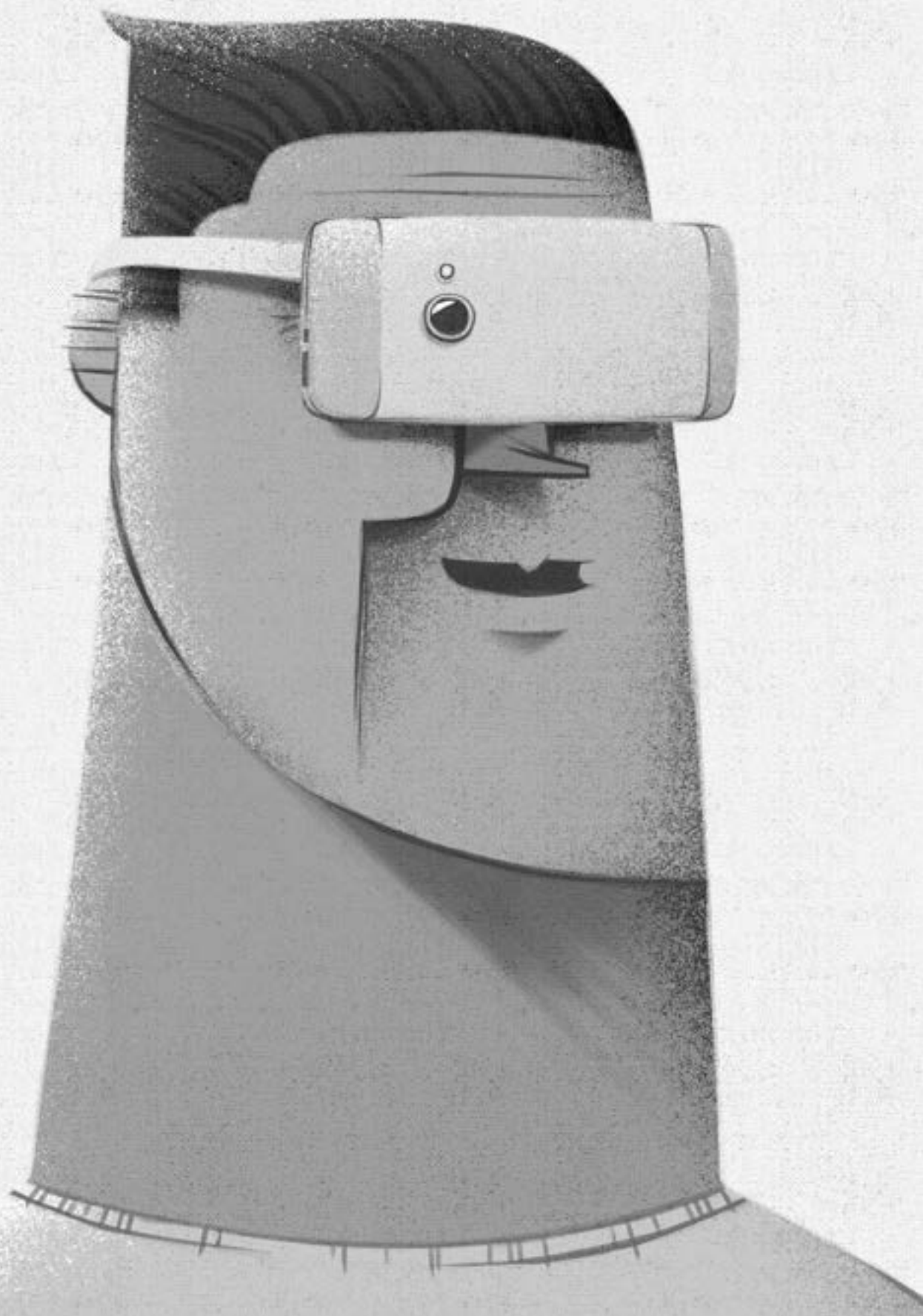
— Porque convivemos com o impensável! É por isso que nos obrigam a pagar o nosso próprio caixão, afinal, o morto sempre soube que morreria. Saber tem impostos.

Pedro Nildo sabe tudo. Pergunto como será o fim do mundo, mas ele olha para o outro lado. Depois retorna com a resposta: a gente vai morrer por causa do fogo. E o conto me parece curioso, um pouco louco. Ele adiciona: nós somos fogo e fumaça. Quando fez o check-out, a sirene do Hotel começou a tocar. Era o cigarro que Pedro Nildo Rocha havia jogado no cesto de papel higiênico, sem saber que ainda estava acesso. Evacuamos. Pedro Nildo já não estava. De vez em quando, seu nome aparece no mapa de contas, porque ele deixou quinze reais em haver. Alguns recepcionistas nunca o viram, mas conhecem seu nome. Deus o nomeou Pedro Nildo Rocha para que ele nunca fosse esquecido.

SIESTA

Gabriel Stroka Ceballos

Uma Paula sentando
na minha cara
uma Ana me dizendo adeus
um Carlos me vacinando
um Pedro me ensinando a fazer
parte de uma banda
um russo lutando comigo
e com o meu irmão
minha irmã fumando um
palheiro e pescando
seus filhos correndo e gritando
nossa prima se escondendo no mato
uns garotos brincando de ser pivetes
umas senhoras sentindo orgulho
um garçom trazendo um drinque de
cortesia
para si mesmo
torresmo frito
água fria fria
um almoço em paz
e cada pessoa do mundo
tirando uma siesta.



Se os mortos não dançam

Anna Kuzminska

Poema integrante de *Ossada Perpétua* (Editora Aboio, 2022)

Se os mortos não dançam	as missas
por que contê-los	e os regalos?
em caixões tão apertados?	se não mais perambulam
se não doem	pela casa silenciosa e escura
por que largá-los sozinhos —	na expectativa de encontrar a resposta duma pergunta que nunca foi feita,
e queimá-los?	respondendo o que nunca lhes foi perguntado,
se os mortos não fogem	tocando os dias como se em dívida com o mundo
por que trancar	e como se o mundo lhes devesse algo,
os portões do cemitério?	se não mais se dirigem ao céu —
se nada levam,	exasperados —
não obstante,	se não anseiam,
nada fica —	não suplicam,
se se vão,	todos os dias,
de fato,	por sentir qualquer outra coisa que não angústia, se não amam
e não voltam —	e não espreitam —
nunca mais voltam —,	mesmo quando
e, se voltam,	estão atrás de mim —
são outros —	por que, então,
por que as flores,	enterrar os mortos tão fundo?



"no olho do escritor

o
emaranhado
de espelhos
tecidos
de água
em desalinho

no olho do escritor
o filamento
dos dias compridos

os olhos do escritor
viram-se
nos meus
e
num
mareado
castanho
nós dois
choramos"

A jornalista paulistana Renata de Alcântara Stuaní estreia na literatura com *Melancolicamente*, lançamento da Luva Editora. O eu-lírico de Renata está sempre em metamorfose e adquire formas e personalidades distintas: muitas vezes terna e infantil, e outras, sombria e violenta. Temas clássicos, como a morte e a divindade, se mesclam a composições intimistas. A política, a psicanálise, a tecnologia e até a música pop são base para a construção de poemas de grande musicalidade, com resultados muitas vezes surpreendentes. Renata (@renata.stuaní) faz parte do coletivo de poetas Fazia Poesia.

Melancolicamente está à venda no Espaço Alberico Rodrigues (www.albericorodrigues.com.br), espaço cultural localizado na Praça Benedito Calixto 159, Pinheiros, em São Paulo.

**Quer ter seus poemas publicados
no portal Fazia Poesia?**

Então atente-se à chamada para a equipe de poetas
a partir do dia 1º de novembro de 2022.

portal
**fazia.
poesia**

acesse
• faziapoesia.com.br •



Paz armada?

**Tá tudo resolvido?
mas:
Cadê o Amarildo?**



Sachal Sarmast (1739-1827)

Tradução de Virna Teixeira

Amigo, este é o único caminho

Amigo, este é o único caminho
para aprender o caminho secreto:

Ignore os trajetos dos outros,
mesmo as trilhas íngremes dos santos.

Não siga.

Nem viaje mesmo.

Rasgue o véu do seu rosto.